

DIÁRIO DE BORDO - EXPEDIÇÃO ENGENHEIRO HALFELD

Na primeira etapa da viagem da Expedição Engenheiro Halfeld pelo Rio São Francisco, entre a mineira Pirapora e o município alagoano de Piaçabuçu, a aventura dos expedicionários foi narrada, dia a dia, por meio de colunas publicadas em quatro jornais do Brasil - Hoje em Dia (Minas Gerais), A Tarde (Bahia), Jornal do Commercio (Pernambuco) e Gazeta de Alagoas (Alagoas). Nos textos, os jornalistas Pedro Ferreira e Denise Menezes relataram as impressões e as "redescobertas" dos pesquisadores, o cotidiano do trabalho da equipe e principalmente a aspectos da vida do povo "beradeiro".

14-10-2001

JORNADA COMEÇA AMANHÃ, EM PIRAPORA

A Expedição Engenheiro Halfeld inicia, amanhã, em Pirapora (MG), uma jornada pelas águas do "Velho Chico", percorrendo, em cerca de 35 dias, mais de 2 mil quilômetros até a sua foz, no município de Piaçabuçu (AL). Nova iniciativa do Projeto São Francisco Patrimônio Mundial, a expedição - integrada por historiadores, geólogos, especialistas em patrimônio e meio ambiente, jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas - tem como objetivo principal coletar informações detalhadas sobre o imenso acervo de bens culturais, históricos e naturais localizados em municípios dos cinco estados banhados pelo São Francisco - Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas.

Essa verdadeira radiografia do chamado "Rio da Integração Nacional" vai subsidiar a elaboração de um dossiê, que será encaminhado à Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), cumprindo uma das exigências da instituição para a inscrição de bens localizados ao longo do "Velho Chico" na Lista do Patrimônio Mundial. Estudo preliminar realizado sob a encomenda do Projeto São Francisco já identificou 56 bens arquitetônicos, naturais e arqueológicos, em 22 municípios ribeirinhos, que poderão integrar a seleta lista da Unesco.

O percurso a ser cumprido pela expedição refaz os caminhos seguidos pelo engenheiro civil alemão Henrique Guilherme Fernando Halfeld que, de 1852 a 1854, realizou um meticuloso levantamento topográfico da região, acompanhado de lúcidos relatórios sobre as paisagens e o modo de vida das comunidades barranqueiras, a pedido do imperador Dom Pedro II. Com o extenso título de "Atlas e Relatório Concernente a Exploração do Rio São Francisco - Desde a Cachoeira de Pirapora Até o Oceano Atlântico", o trabalho de Halfeld foi publicado em 1860 e constituiu-se no primeiro estudo detalhado sobre o "Velho Chico". O atlas é ainda referência para estudiosos e será importante instrumento de pesquisa para a equipe da expedição, que poderá comparar, a cada légua percorrida, as paisagens descritas por Halfeld no século XIX com as imagens atuais do São Francisco.

Terminada a expedição, um relatório sobre o rio, indicando a qualidade das águas, estado de preservação da mata ciliar e condições de conservação de bens históricos e naturais, será encaminhado à recém criada Promotoria Especial do São Francisco. Com o documento, o Ministério Público de Minas Gerais poderá atuar com mais eficiência no combate aos crimes ambientais e contra o patrimônio, na região mineira do Vale do São Francisco.

15-10-2001

DE PIRAPORA A PIAÇABUÇU

PIRAPORA (MG) - A expedição Engenheiro Halfeld levanta âncora hoje, no rio São Francisco, em Pirapora, Norte de Minas, para cumprir uma pretenciosa missão: refazer, em apenas 35 dias, o percurso feito, entre 1852 e 1854, pelo engenheiro alemão Henrique Guilherme Fernando Halfeld, autor do primeiro levantamento topográfico do "Velho Chico". O destino será o município alagoano de Piaçabuçu, onde o rio se encontra com o mar, e essa tarefa só será possível graças ao auxílio de equipamentos de avançada tecnologia instalados no barco, guiados via satélite para comunicação, transmissão de dados e rastreamento de veículos.

Os sistemas de transmissão de dados e rastreamento de veículos foram cedidos pela Autotrac Comércio e Telecomunicações, empresa do tri-campeão de Formula-1 Nelson Piquet. O primeiro permite o envio de informações, através do satélite Brasilsat, para qualquer ponto do continente americano, entre Trinidad & Tobago e a Patagônia, segundo o executivo da Autotrac, Paulo Vitor Amaral.

O satélite manda as informações para uma central da Autotrac, em Brasília, que funciona como uma espécie de caixa postal, dando acesso aos dados a outras duas centrais, uma do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (Ibama) e outra da Rede Marketing e Comunicação, em Belo Horizonte. Interessa ao Ibama receber relatórios sobre a situação atual do rio - pontos de assoreamento, degradação da mata ciliar e lançamento de dejetos. Já os levantamentos sobre estado de conservação de acervos são enviados à Rede Marketing e Comunicação, para subsidiar a elaboração de um dossiê sobre o São Francisco, a ser encaminhado à Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco).

Ao sistema de transmissão de dados é acoplado um aparelho de GPS que, através de 42 satélites, permite a identificação do posicionamento da expedição, seja na sua trajetória pelo rio ou por terra, em relação à latitude, longitude e altitude, tendo como referência o nível do mar. O equipamento substitui o obsoleto teodolito usado por Halfeld no século XIX.

A expedição conta, ainda, com telefones via satélite da Globalstar, que possibilitam o contato da equipe com qualquer região do mundo, mesmo onde não haja sinal de celular ou linhas fixas. Do barco, é possível acessar a Internet, navegar pela rede, transmitir imagens e fazer uso do correio eletrônico. A partir de hoje, quem quiser participar desta viagem basta acessar o endereço www.aguasdovelhochico.com.br para troca de informações e sugestões.

Toda essa mobilização faz parte da campanha pelo tombamento, pela Unesco, de acervos naturais, arqueológicos e culturais de municípios banhados pelo chamado rio da integração nacional, coordenada pela Confederação das Associações Comerciais do Brasil (CACB) e pela Federação das Associações Comerciais

de Minas Gerais (Federaminas).

16-10-2001

A TODO VAPOR, EXPEDIÇÃO COMEÇA A DESCER O RIO

PIRAPORA (MG) - Foi dada a partida. As máquinas da Luminar foram ligadas e a Expedição Engenheiro Halfeld começou ontem a descer o rio São Francisco, com 15 pessoas a bordo, refazendo o trajeto aventurado entre 1852 e 1854 pelo engenheiro alemão Henrique Guilherme Fernando Halfeld, autor do primeiro levantamento topográfico do "Velho Chico". Agora, o objetivo da expedição é conseguir o maior número possível de informações para a Unesco incluir o rio e seus acervos na lista de obras-primas do planeta - os patrimônios mundiais.

Quando não existiam as rodovias BRs-101 e 116, quando Pirapora era entreposto do comércio que escoava pelas águas do São Francisco, quando não existiam os ônibus da Itapemirim para transportar os retirantes da seca nordestina, o "Velho Chico" tinha o seu papel e as suas histórias, de amor, principalmente.

Dona Maria de Lurdes Gonçalves Lopes, 63, por exemplo, baiana de Serrinha e ex-cantora da Rádio Excelsior de Salvador (BA) - hoje carranqueira em Pirapora - vive das lembranças de um romance que teve o São Francisco como padrinho. Fugindo da perseguição da Ditadura Militar, em 1964, ela encontrou proteção nas águas do "Velho Chico", e nos braços de um outro Francisco, o Barroso, comandante de um vapor que também levava o nome do santo.

Dona Lurdes acompanhou o comandante durante cinco anos na navegação, sem desembarcar, de Pirapora a Juazeiro (BA), Pirapora a Correntina (BA) e Pirapora a Santa Maria da Vitória (BA). "Eu dava shows para os turistas. Era uma maravilha para eles. O comandante tocava violão", relembra "Lurdinha Gonçalves", seu nome artístico na época. Ela conta que tinha aversão ao nome Francisco. Quando pequena, ela disse que sua mãe, com 14 filhos, tinha criação de porcos para comer as sobras de comida. "Todos os porquinhos a minha mãe chamava de Chico. Eu dizia assim: Meu Deus, nunca me casarei com um homem que se chame Francisco, para não chamá-lo de Chico", conta dona Lurdes.

Parece castigo, diz a carranqueira. "Fugindo da Ditadura, fugi para o rio São Francisco, no vapor São Francisco, com o meu comandante Francisco Barroso. Tivemos cinco filhos, um deles Francisco, uma Francisleide, um neto Francisco Barroso e outro Francisco Barroso Vagner. Aí, hoje faço parte da Ordem Secular Franciscana. Sou muito católica e devota de São Francisco", acrescenta.

Na memória de dona Lurdes, o registro da importância do rio na vida das comunidades ribeirinhas. "Onde o vapor chegava era uma festa. A vida das cidades eram os vapores". Por tanto tempo embarcada, dona Lourdes já tinha um roteiro traçado. "Em Bom Jesus da Lapa (BA) a gente já tinha o ponto para dançar e comer tatu. O Barroso com suas fardas de gala, branca ou azul-marinho. Em Barra, ele me presenteava com

roupas íntimas. Em São Romão, com lindas sedas japonesas. E o cinema era nosso programa em Juazeiro (BA). Dentro das embarcações, segundo a carranqueira, também aconteciam comércio de jóias e sedas. No vapor, dona Lurdes disse que muitos estranhavam a sua liberdade, por ser uma artista com roupas coloridas extravagantes. "Me achavam uma perua". O estilo arrojado despertava ciúmes no comandante. "Mas ele também era garanhão. O comandante tinha muitas mulheres. Eu sabia, mas fui chegando, acabando com tudo, marcando território. Ali, eu brigava."

Dona Lurdes disse que deve a sua vida ao rio São Francisco. Já são mais de 20 anos que ela não navega por ele, mas gostaria de reviver as emoções que hoje só guarda nas lembranças.

PARTIDA

Ontem, durante a partida da Expedição Engenheiro Halfeld, estiveram presentes em Pirapora o secretário-executivo do Ministério do Meio Ambiente, José Carlos de Carvalho, o diretor de Recursos Ambientais do Ibama e coordenador do projeto de Revitalização do rio São Francisco, Humberto Candeias, e o secretário de Meio Ambiente de Minas Gerais, Paulino Cícero de Vasconcellos.

17-10-2001

CONTOS E MAIS CONTOS DO POVO RIBEIRINHO

BARRA DE GUAICUÍ (MG) - Quem conta um conto, aumenta um ponto. A máxima é verdadeira pelo menos quando se trata das ruínas da Igreja de Bom Jesus de Matozinhos, nesse distrito do município de Várzea da Palma. A construção, que nunca foi concluída, é datada do século XVIII e, ao longo do tempo, a cultura popular desenvolveu inúmeras histórias para explicar a existência desse monumento inacabado.

Na prosa de alguns moradores, a igreja não chegou a ser concluída porque os padres jesuítas, construtores do santuário segundo relatos históricos, foram massacrados pelos índios Cariris, que habitavam a região das corredeiras de Pira-Poré, área ocupada hoje pela praça central de Pirapora. Em versão oposta, outros relatam que a igreja, erguida em pedras, funcionaria como um forte para proteger os jesuítas das investidas da Coroa Portuguesa. O motivo da perseguição aos religiosos seria o trabalho desenvolvido com os índios.

A construção teria ainda um túnel subterrâneo, escavado para facilitar a fuga dos jesuítas. Nas ruínas do santuário não há qualquer vestígio deste túnel, constatação que não altera a crença popular na história - "depois de tantos anos de abandono o túnel arreou", sustenta o aposentado Sebastião Gomes, 71.

Para outros moradores, a construção da igreja não foi concluída porque o próprio santo - Bom Jesus do Matozinhos - não queria, de forma alguma, ter a sua igreja no local, às margens do rio das Velhas em confluência com o "Velho Chico". Foi essa a história lida, em cartilha, pelo avô de Beatriz Martins Gomes, 54. "A igreja não foi terminada porque todo mundo que subia caía lá de cima e morria", repassa Beatriz adiante a história do avô.

A "insatisfação" do santo seria também comprovada por outra misteriosa história. Todas as noites a imagem de Bom Jesus de Matozinhos era colocada nas obras do santuário de Guaicuí, mas amanhecia na igreja da localidade vizinha de Porteiras. Os mais céticos, no entanto, têm outra versão para explicar o deslocamento da imagem. Os moradores de Porteiras, que queriam ter a igreja no seu povoado, roubavam a imagem todas as noites, fazendo o transporte em carro de boi. "Isso era safadeza do pessoal de Porteiras", diz Geraldo Ferreira Guimarães, lavrador aposentado de 96 anos, morador do distrito rival de Barra do Guaicuí.

Mais adiante, em outro dedo de prosa, surge a história de que a igreja seria construída para cobrança de impostos na extração do ouro. O rio das Velhas, chegando ao São Francisco, teria sido uma rota para o tráfico do metal precioso, segundo disseram. As histórias são tantas, mas relatos de historiadores vão contra toda a crença dos nativos. Fabiano Lopes de Paula, historiador, arqueólogo e superintendente de pesquisa do Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas (Iepha), conta que a igreja não foi concluída por falta de recursos. No final do Século XVIII, a vila foi perdendo a sua importância como

entreposto comercial e novas rotas para o sertão haviam surgido. "Com o declínio da extração do

ouro, diminuíram os recursos que alimentavam o comércio local", diz. Mas a lenda mais forte, também contestada pelos historiadores, é que o bandeirante Fernão Dias Paes Leme, desbravador do sertão, teria morrido em Guaicuí, vítima de febres, e seu corpo enterrado entre duas palmeiras, em frente às ruínas da igreja. Hoje, ele até leva o nome de uma praça no distrito, com direito a estátua apontando para o rio, mas o pesquisador de rotas antigas Márcio Santos afirma que não há segurança histórica de que o bandeirante tenha passado pela região. Ele aponta o local da morte de Fernão Dias como sendo o distrito de Sumidouro, em Pedro Leopoldo (MG), município da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

18-10-2001

EXPEDIÇÃO É RECEBIDA COM ACALENTO PELO POVO DO "VELHO CHICO"

IBIAÍ (MG) - Quando passou pela cidade de Ibiaí, Norte de Minas - na décima sexta léguas do percurso de sua viagem pelo São Francisco, o engenheiro Henrique Halfeld observou, com os olhos de um conservador europeu, um arraial de "muita tristeza e depravação". Quase 150 anos depois, a expedição, que leva o nome deste pesquisador alemão, não pôde reclamar do acalento recebido pela mesma comunidade. Um grupo de professores recebeu a embarcação às margens do rio, entoando música regional sobre o "Velho Chico", improvisando uma peça de teatro sobre a riqueza proporcionada pelo rio no passado e o abandono que hoje o castiga. O "Velho Chico" está secando e o povo sabe disso. Na música de nove estrofes cantada pelos professores, ele recebe um gole d'água. E as bençãos imploradas ao santo são para o seu próprio rio, todos os bichos que dependem dele para sobreviver, inclusive o bicho homem, que tanto o maltrata. "Meu rio São Francisco, nesta grande turvação, vim te dar um gole d'água e pedir a sua benção", diz o refrão.

"Três anos sem chuva. A seca vai beber a água do rio. A cama do peixe vai ser a cama do boi", sentencia o curandeiro mais famoso de Ibiaí que, enquanto sadio, arrastou multidões de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro, em busca de conselhos e cura dos males. É o seu Minervino Pereira da Silva, de 91 anos "e três meses", como faz questão de frisar o velho lavrador que se diz iluminado por Deus. "Antes era fartura para não ter onde pôr. Hoje a gente caça para comer e não acha nada", diz o curandeiro, lembrando das barragens de madeira que fazia nas lagoas, às margens do rio, quando batia com a vara na água para tocar peixes como se toca os bois, até encurralá-los na represa.

Não, não é história de pescador, garante o barranqueiro Lúcio Barreto, 55, capitão da barca Luminar, que leva a Expedição Engenheiro Halfeld até Barra (BA), primeira etapa da viagem. "Os peixes eram apanhados com a mão em época da piracema. Cansei de pegar curimatã, mandi e pacumã. Eles pulavam na cachoeira de Pirapora, subindo o rio para desova. Eu aparava peixe com a camisa", lembra, com saudades, o barranqueiro.

A esperança, entretanto, persiste entre aqueles que do rio dependem. O curandeiro Minervino, doente e com dificuldades de locomoção, enfrenta a pobreza e o abandono com a dignidade dos homens de fé. "Tem hora que o dinheiro não vale nada. O que me vale é Deus e os amigos. Amigo é mais do que dinheiro na caixa", afirma o ancião que da vida só lamenta não ter aprendido a ler. "Tive pai rico, mas não aprendi a ler e a assinar o nome. Parece sorte. Meu juízo é bom para tudo, mas não deu para aprender a leitura".

19-10-2001

SURPRESAS AGUARDAM A EXPEDIÇÃO EM SÃO ROMÃO E JANUÁRIA

São Romão (MG) - E a colcha de retalhos que compõe o Vale do São Francisco, como diria o jornalista mineiro João Rafael Picardi, um apaixonado pelo "Velho Chico", começa tomar forma para os integrantes da Expedição Engenheiro Halfeld. Diversidade e beleza, ao lado das desigualdades e do descaso, vão aparecendo a cada cidade visitada.

Em São Romão, considerada uma das mais importantes cidades do sertão mineiro no século XVIII e palco em 1736 da primeira revolta contra a Coroa Portuguesa, a expedição foi recebida com festa pelos estudantes e professores de ensino fundamental da Escola Municipal Tancredo Neves.

Festa musical, organizada por nove dos 16 integrantes da Banda Infantil da escola que, sob o comando do violonista e cantor Arnon Siqueira, tenta preservar na região a tradição cultural barranqueira. Festa de cidadania, onde crianças e adultos se posicionaram pela preservação do rio que se confunde com a própria existência do lugar. Mas a festa não pôde esconder os contrastes tão comuns em nosso país.

A poucos metros da festa, ali mesmo no porto, o menino Adriel, de apenas 11 anos, foi encontrado com uma corrente presa aos pés por um cadeado. O menino teria sido acorrentado ao pé da mesa em sua casa e solto por um irmão. Atônito com a indignação dos visitantes em vê-lo naquela situação, Adriel não sabia ou não queria responder aos que perguntavam o que havia acontecido.

Foi o pai? Foi uma brincadeira de criança? Quem afinal acorrentou Adriel? Ninguém soube dizer, nem a família, nem representantes da prefeitura, da polícia e do Ministério Público chamados ao local. Mas uma certeza tomou conta de todos que assistiram à cena. Adriel, criança pobre, filho de pai tuberculoso e que não conseguiu ultrapassar a primeira série do ensino fundamental, necessitando de cuidados especiais como milhões de outros meninos e meninas do Brasil, é vítima no mínimo do descaso, da omissão e da inércia de uma sociedade, que não enxerga além do hoje, e o acorrenta a um destino assim, sem perspectivas.

Que Adriel encontre o seu caminho, quem sabe pelas águas do "Velho Chico" que, apesar de sofrer da mesma indiferença, sobrevive e é ainda fonte de esperança e sustento para a população barranqueira.

ACERVOS

São Romão foi a primeira cidade incluída no roteiro da Expedição Engenheiro Halfeld que não constava do estudo preliminar realizado pelo Projeto São Francisco Patrimônio Mundial. Na cidade foram encontrados acervos de relevância histórica, como o Prédio da Cadeia, de estilo neoclássico, casario colonial remanescente do século XVIII, edifícios ecléticos, exemplares de art-deco, a igreja de Nossa Senhora do Rosário e um conjunto de imagens sacras barrocas.

DIÁRIO DE BORDO COLUNA 19 de outubro de 2001 Lat. 15° 29' 07"S Long. 44° 21' 52"O
FOTO 020 20-10-2001

INDÍCIOS PRÉ-HISTÓRICOS NA GRUTA DE DUAS BOCAS

SÃO FRANCISCO (MG) - Se já foi ocupada na pré-história, não se sabe, mas a gruta de duas bocas de Vila do Morro, distrito de São Francisco, no Norte de Minas, pode vir a ser um grande sítio arqueológico. A constatação é dos estudiosos que acompanham a Expedição Engenheiro Halfeld, que começou a jornada na última segunda-feira, em Pirapora (MG), e que vai até a foz do rio São Francisco, em Alagoas, passando por cinco estados. O objetivo é listar patrimônios arqueológicas e arquitetônicas para que a Unesco inclua o "Velho Chico" na lista de obras-primas do planeta.

Para o arqueólogo e historiador Fabiano Lopes de Paula, superintendente de pesquisa do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas (Iepha), embora ainda não haja indícios da ocupação pré-histórica, a área de entorno da gruta, que fica na fazenda Cabaceiras, possui vários sítios líticos pré-históricos, ateliês de lascamentos e até artefatos na sua fase final, feitos com sílex e arenito silicificado, tipos de rochas muito utilizadas na pré-história por oferecerem bom corte e resistência a impactos.

A gruta é muito visitada pelos moradores da região, que deixam inscrições nas rochas, depredando-a involuntariamente. Ela possui água em sua entrada, é profunda e, segundo Fabiano, se houve ocupação deve ter sido na primeira galeria. A outra, acrescentou, não oferece iluminação e aeração. O córrego que passa no interior da gruta é intermitente e, em função das chuvas, estava com água há dois dias quando da visita da expedição.

Fabiano informou que os sítios arqueológicos são protegidos pela União, com base em lei existente desde 1961, e o que se pode fazer é registrá-los junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), cadastrando-os no acervo nacional. "O sítio pode oferecer boas condições de pesquisa. É um sítio raro porque está a céu aberto e bem conservado", concluiu Fabiano.

A geóloga Luciana Felício Pereira, da Secretaria do Meio Ambiente de Minas, disse ter ficado surpresa com a beleza da gruta, cujo acesso é por um rio com pedras de calcário. "A entrada da gruta tem uns espeleotemas, que são estruturas geradas dentro de cavernas. Nela existe o que chamamos de cortinas, colunas e travertinos (pequenas bacias de acumulação de água). Estruturas muito delicadas", acrescentou. Os pesquisadores passaram, ainda, por um canal onde corre o rio, como um túnel feito com estrutura de calcário.

Na fazenda, Luciana localizou oito fornos de carvão, onde estão sendo consumidas madeiras nativas do

serrado e da mata seca. "A área de desmatamento, que deve ter sido pasto e posteriormente abandonada, hoje está toda destruída com muitos processos erosivos instalados", acrescentou a geóloga.

Luciana informou, ainda, que grande quantidade de sedimentos está sendo carregada para o leito do rio São Francisco, o que, na sua opinião, pode contribuir com o processo de assoreamento já visível durante todo o percurso da viagem.

DIÁRIO DE BORDO COLUNA 20 de outubro de 2001

21-10-2001

PARQUE DO PERUAÇU PODE FICAR DE FORA DO DOSSIÊ ENVIADO À UNESCO

JANUÁRIA - Obra prima da natureza, com um conjunto de 140 cavernas, cursos d'água e vegetação típica do cerrado, além de apresentar registros em pinturas rupestres e sítios arqueológicos que comprovam a ocupação humana no local, entre 2 mil e 10 mil anos atrás, o Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, localizado neste município do Norte de Minas Gerais, corre o risco de não ser incluído no dossiê a ser encaminhado à Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), com o pedido de inscrição de bens do Vale do São Francisco na Lista dos Patrimônios Mundiais. Criado pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (Ibama) em 1999, o parque não possui ainda sua área, de 56.800 hectares, regularizada e nem plano de manejo, pré-requisitos exigidos pela Unesco para o tombamento de bens naturais.

Segundo o diretor de Parques e Ecossistemas do Ibama, Luiz Márcio Haddad Pereira, a deficiência, que inviabiliza a proteção dos acervos do parque, já que não há como controlar a visitação, decorre, principalmente, do não cumprimento pela Fiat Automóveis, sediada em Betim (MG), de um termo de Ajuste de Conduta, assinado em 1994, com mediação do Ministério Público de Minas Gerais. Pelo acordo, a montadora italiana se comprometia a regularizar os 6 mil hectares do núcleo do parque, onde estão as cavernas mais importantes do ponto de vista geológico e arqueológico, com a compra das terras e repasse ao Ibama, e a contratar empresa especializada para elaboração do plano de manejo.

O diretor do Ibama afirma que o compromisso foi negociado para compensar os danos ambientais causados pela Fiat com a fabricação do Uno Mille, modelo popular lançado no início dos anos 90, cujos motores expeliam no ambiente gás carbônico em índices superiores ao limite permitido, conforme constatou estudo realizado sob a encomenda do órgão. Na ocasião a montadora foi multada, recorreu através de recurso administrativo rejeitado pelo Ibama, mas insistiu em não proceder a substituição dos motores do Uno Mille, o chamado "recall", sob a alegação de que a troca prejudicaria os consumidores com a diminuição da potência do carro.

A medida compensatória foi, então, a opção negociada e a própria Fiat escolheu a região do Peruaçu, à época ainda uma Área de Preservação Ambiental (APA), para fazer os investimentos, atesta o gerente do parque, Emerck Lima Cipriano. Ele informa que a montadora já comprou quatro fazendas dentro da área do parque, mas não repassou as terras, cerca de 10 mil hectares, para o Ibama. Já Luiz Márcio Haddad Pereira garante que a empresa chegou a oferecer ao órgão 15 mil hectares, como alternativa ao compromisso acertado. A proposta, ressalta, foi recusada porque não incluía o plano de manejo e as áreas ofertadas não cobriam o núcleo do parque.

De Januária, a equipe de jornalismo da Expedição Engenheiro Halfeld tentou, ontem, um contato com a assessoria de Imprensa da Fiat Automóveis para que a montadora se posicionasse sobre o assunto. Mas, até o fechamento desta coluna não obteve resposta ao recado deixado.

22-10-2001

CARDUMES SEGUEM PARA BERÇÁRIO DO RIO SÃO FRANCISCO

PANDEIROS - Cardumes de variadas espécies estão deixando as águas do São Francisco com destino a um lugar considerado "berçário do Velho Chico": o pântano do rio Pandeiros, Área de Preservação Ambiental (APA) a 48 quilômetros de Januária, Norte de Minas. É a piracema. Os peixes sobem o afluente em busca de um local em condições favoráveis para desova.

A Expedição Engenheiro Halfeld - que percorre o São Francisco de Minas a Alagoas - visitou o rio Pandeiros e pôde conferir de perto a sua beleza e a importância decisiva para o ecossistema da região.

Os barcos que transportavam a equipe da expedição rasgaram o pântano passando por trilhas formadas entre os aguapés. A transparência da água permitia acompanhar a vagareza dos peixes contra a correnteza, a caminho da "maternidade".

De acordo com Walter Viana Neves - gerente de Gestão de Pesca do Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais (IEF) - o rio Pandeiros, que tem 140 km de extensão, é responsável por 70% da reprodução dos peixes que vivem no São Francisco entre as barragens de Sobradinho e Três Marias.

A seca deste ano, acrescentou, impediu o São Francisco de transbordar e encher as lagoas em suas margens. "Em função disso, o rio Pandeiros deve sustentar, praticamente só, todo o processo de reprodução desse trecho do São Francisco". Estudos feitos com sensores revelam que os peixes chegam a se deslocar até 2 mil km em busca de condições adequadas para a reprodução.

"Depois de emagrecer, os peixes ficam exaustos, o que estimula o aparelho reprodutivo. Eles procuram água limpa, transparente, sem poluição, paradas e com temperatura razoável", informou Walter. O curimatã, acrescentou, chega a produzir 2 milhões de ovos de uma só vez, sempre no início do período das chuvas, mas somente 10% (200 mil) dos alevinos (filhotes) sobrevivem.

Nos primeiros 90 dias de vida, os alevinos se alimentam de organismos vegetais. Depois, procuram o leito do São Francisco para desenvolvimento.

No rio Pandeiros, a mata ciliar está intocada, o que garante a transparência da água. Ao fazer uma espécie de filtragem das enxurradas, a mata impede a entrada de sedimentos como areia e terra, principais

responsáveis pela turvação e assoreamento dos rios.

Mas a beleza do rio Pandeiros não é exclusiva das águas claras e seus curimatãs, dourados, surubins, piaus, traíras e matrichãs. Às suas margens, o cenário se completa com a variedade de cores e cantos de pássaros como cardeal, trincaferro, bico-branco, casaco-de-couro, sabiá, João-de-Barro e garças.

A APA do rio Pandeiros, que possui 380 hectares de área, foi criada em abril de 1997. Com a sua instituição, todas as modalidades de pesca foram proibidas, mas a fiscalização é incipiente por ser formada de propriedades particulares. Ontem, a Expedição Engenheiro Halfeld deixou Januária, com destino aos municípios de Itacarambi, para visitar a reserva indígena dos Xacriabás.

23-10-2001

EXPEDIÇÃO ENCONTRA IGREJA DO SÉCULO XVIII ABANDONADA EM BREJO DO AMPARO

BREJO DO AMPARO (MG) - É de cortar o coração ver o abandono e a destruição que vem sofrendo a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, construída nos primeiros anos do século XVIII, em Brejo do Amparo, povoado de Barro Alto, distrito de Januária, Norte de Minas, por onde passou a Expedição Engenheiro Halfeld, em seu percurso até a foz do São Francisco, em terras alagoanas.

O altar, os arcos, as escadas de acesso à torre sineira e ao coral da igreja estão quase que completamente consumidos pelos cupins. A pintura original da madeira está se soltando em placas. Janelas e portas estão fechadas a pregos. As tábuas do piso, que cobrem túmulos centenários, estão em péssimo estado de conservação, algumas cobertas com terra e muita poeira. As imagens em madeira de Nossa Senhora do Rosário, uma de São Benedito, o Cristo crucificado, Nossa Senhora da Conceição e outra da padroeira em gesso, réplica da original misteriosamente trocada, estão guardadas há anos com familiares de uma antiga zeladora, que morreu no ano passado.

Conta a história que a construção da igreja está ligada à formação de quilombos ou postos de catequese jesuíta das nações indígenas. Nossa Senhora do Rosário é padroeira dos negros. Atualmente, as missas são celebradas do lado de fora, debaixo de uma mangueira. A igreja teria sido construída em uma propriedade particular, de produtores de cana-de-açúcar. Ela apresenta arquitetura baiana, com apenas uma torre no seu lado esquerdo. No interior, os arcos laterais também só foram construídos no lado esquerdo.

A única parte razoavelmente preservada é o forro do altar, que segundo o atual zelador, Jovino Alves de Souza, 35, foi restaurado em 1998. O altar impressiona pela beleza, com desenhos estilo nacional-português. De acordo com Maísa Furst Miranda, da superintendência de pesquisa do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha), o altar é da primeira fase do barroco mineiro. Está pintado a óleo nos tons azul e vermelho, com fundo branco. O zelador Jovino disse que as telhas originais foram levadas para uma outra igreja de Brejo do Amparo.

O sino de bronze seria original. "O forro é o elemento ornamental de maior significado, de autor desconhecido. A pintura é de boa qualidade e é da última fase do rococó que abrange o século XVIII", disse Maísa, se referindo a um medalhão de Nossa Senhora com o menino Jesus nos braços. "A igreja é o marco do povoamento da região", acrescentou.

Dona Maria Conceição Alves de Souza, 56, filha da antiga zeladora, disse que a igreja só se encontra em pé por causa dos "velhos", que não deixam ninguém tocar no que ainda resta. O pai dela, Benedito Alves de Souza, 87, guarda a imagem de São Benedito em casa e disse que já chegou a tomá-la das mãos de ladrões

quando o santo era mantido na igreja. Das cinco imagens, apenas as de São Benedito e do Cristo crucificado são da época da construção da igreja.

24-10-2001

EXPEDIÇÃO CONCLUI TRECHO DE 12 CIDADES MINEIRAS E ENTRA NA BAHIA

MANGA - Depois de mais de uma semana de viagem pelas águas do "Velho Chico", a Expedição Engenheiro Halfeld concluiu o trecho mineiro de seu trajeto, percorrendo 12 municípios, onde levantou dados sobre o patrimônio artístico, histórico e natural de cada um deles. Matias Cardoso e Manga foram as últimas cidades de Minas visitadas pelos pesquisadores.

Na pequena Matias Cardoso, com apenas 10 mil habitantes, a expedição visitou a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, único bem do trecho mineiro tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). A igreja, com aspecto de uma fortaleza, foi construída nos últimos anos do século XVII, por índios a mando do bandeirante paulista Matias Cardoso, e impressionou, pela sua grandiosidade, tanto o engenheiro alemão Fernando Halfeld, que esteve na localidade entre 1852 e 1854, quanto o explorador britânico Richard Burton, em sua passagem no então povoado de Morrinhos, em 1867. "É um delubrum mirae magnitudinis, construída por Matias Cardoso e seu filho Januário, naturalmente, com o suor do rosto dos índios", registrou Burton.

Maísa Furst Miranda, da Superintendência de Pesquisa do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha), disse considerar a igreja de Matias Cardoso a mais rica em detalhes de todos os templos visitados pela expedição em Minas. Ela informou que no santuário predomina o estilo arcaico, com características da arquitetura baiana.

A igreja possui ornamentos de arte indígena e imagens de madeira originais - o Cristo morto, Nossa Senhora de Santana, Nossa Senhora do Desterro e São Miguel Arcanjo - em bom estado de conservação. A imagem original de Nossa Senhora da Conceição, acrescentou Maísa, foi roubada em 1950 e substituída por uma réplica de gesso. Apesar do valor histórico, o templo está em péssimo estado de conservação. Na avaliação da técnica, necessita de urgente pintura na parte externa e reparos internos. Pela ação de cupins, o púlpito da lateral esquerda da nave está se desprendendo da parede e ameaça cair. A madeira do arco do cruzeiro também está corroída, apresentando fendas, e precisa de nova pintura. "A pintura e o tabuado do forro da capela-mor estão deteriorados e o trono, onde está a imagem de Nossa Senhora da Conceição, encontra-se na mesma situação", atestou. A lápide de Januário Cardoso, localizada abaixo do altar e citada nos relatos de Burton, também foi quebrada, há alguns anos, segundo a zeladora Suzana Soares, por pessoas que se identificaram como técnicos em patrimônio. "Hoje desconfiamos que fossem ladrões a procura de ouro", arriscou.

O curioso é que a igreja passou por processo de restauração há apenas 3 anos, com recursos do Estado, durante o governo de Eduardo Azeredo. O trabalho, no entanto, deixou a desejar. A técnica do Iepha

constatou que apenas foi realizada a pintura externa de muro, paredes, portas e janelas. "Provavelmente, com tinta de má qualidade, que não aderiu às paredes". O prefeito Josemir Cardoso dos Santos afirmou que os recursos liberados para essa reforma não foram suficientes para a conclusão do projeto de restauração, elaborado à época pelo Iepha, e que já esteve em reunião com o secretário da Casa Civil de Minas Gerais, Henrique Hargreaves, em busca de uma solução para o problema.

MANGA

Uma cidade esquecida. Foi essa a impressão dos integrantes da expedição ao chegarem à cidade de Manga, norte de Minas Gerais. Do patrimônio da Igreja de São Caetano, a equipe só encontrou o altar original. O histórico prédio já não existe mais e a construção substituta também foi demolida. A edificação atual não se localiza no sítio de origem. O conceito de preservação ambiental não chegou à cidade. Um lago situado na avenida central recebe todo o esgoto do município, que é lançado ao rio nos períodos de chuva. Manga não possui aterro sanitário e o depósito de lixo é feito nas barrancas do São Francisco, em terreno situado, ironicamente, próximo da unidade local da Companhia de Saneamento de Minas Gerais (Copasa).

DIÁRIO DE BORDO
S Long. 40° 30' 15"O

25-10-2001

EXPEDIÇÃO ESTUDA LENDAS DE CARINHANHA, PRIMEIRA PARADA NA BAHIA

CARINHANHA (BA) - O povo de Carinhanha pode até não ser mexeriqueiro, mas na cidade todo mundo conhece e frequenta o "pau do fuxico", uma frondosa árvore de frente para o rio São Francisco que, segundo os moradores mais antigos, era local predileto para assuntos de política. A árvore ainda existe, agora cercada de bancos, e tem até proteção da Associação do Pau do Fuxico.

Carinhanha, primeira cidade da Bahia por onde passou a Expedição Engenheiro Halfeld - que viaja de Minas a Alagoas pelo rio São Francisco -, também vive de lendas que aguçam a imaginação, principalmente das crianças. Uma delas é a do "compadre água", um caboclo de cabeça preta, dentes agudos feito piranha e pés-depato. "Ele estranha e pega a gente. Vira a canoa. Transforma-se em qualquer coisa, moita ou cabaça. Você vai pegar a cabaça e ele vira homem e te come", conta Honorato Ribeiro dos Santos, autor do livro "A Biografia de Carinhanha do Médio São Francisco".

Outra narrativa popular é a serpente cantadora, que levava todo mundo a rezar o ofício da Mãe de Deus, todo sábado, para que ela não criasse asas. "Se ela sair voando do fundo do rio vai haver um estrondo e destruir cinco cidades ribeirinhas", conta Honorato. Quem também habita as profundezas do São Francisco, segundo o lendário de Carinhanha, é a "mãe água". "Mas essa é mansa, não ataca ninguém", garante o contador de histórias. Além das lendas, Carinhanha tem outros "causos", cheios de controvérsias. Diga-se de passagem, a Casa da Careta, uma construção do século XVIII na praça principal. No alto da fachada, um rosto enorme de um português bigodudo, ladeado por dois peixes. Para alguns, a careta seria produto da rivalidade entre dois portugueses, que se aproveitaram das suas construções para caçar do inimigo. Na mesma rua ainda existe o que seria a outra casa, mas descaracterizada, sem a careta.

Honorato tem outra versão. Disse que um arquiteto maltrapilho chegou à cidade e pediu emprego na construção da casa. O pedreiro, que era português, não sabia das suas qualidades e o empregou como servente. "De noite, o arquiteto desenhou uma outra planta para a casa e a mostrou ao dono, o prefeito Francisco Timóteo, que gostou. O prefeito perguntou: o senhor faz isso? Faço sim, senhor!, respondeu o arquiteto, mostrando sua carteirinha. O arquiteto construiu a casa, colocando a careta do Dito, pedreiro que lhe deu emprego."

Também não há consenso sobre o nome da cidade. Seria carinhenha, nome de uma extinta espécie de garça? Ou ariranha, mamífero parecido com as lontras que brincavam nas margens do rio? Outros falam que o nome originou de Carunhanha, árvore que segundo os índios servia de toca para sapos. A região de Carinhanha foi dominada em 1712 pelo bandeirante Manuel Nunes Viana, que escorraçou os índios Caiapós.

A cidade foi emancipada em 1909. Hoje, ela prima pelo asseio e aconchego de seu povo. Amar - o "Velho Chico" - é um verbo que se aprende na escola. No último 21 de setembro, alunos de dez escolas recolheram cinco caminhões-caçamba de lixo de uma extensão de três quilômetros da margem. Colocaram placas educativas e fizeram replantio da mata ciliar. Depois das férias escolares, a campanha vai ser permanente, garante a professora Luzia da Silva Campolina.

PONTAL

Os viajantes da expedição também visitaram o pontal do rio Carinhanha, afluente do São Francisco, e constatou diversos criatórios naturais de peixes às suas margens, além de uma expressiva fauna e flora, na avaliação do pesquisador de rotas históricas Márcio Santos. No local há grande quantidade de aves como garças e quero-queros.

26-10-2001

EXPEDIÇÃO REGISTRA ACERVOS EM BOM JESUS DA LAPA

BOM JESUS DA LAPA (BA) - A poderosa energia emanada por 310 anos de devoção ao Senhor Bom Jesus é o que mais impressiona neste município do sertão baiano, localizado às margens do São Francisco. Sede do Santuário de mesmo nome, encravado no Morro da Lapa, em um complexo de 14 grutas, a cidade recebe diariamente milhares de peregrinos, vindos de todas as partes do país, em busca de conforto e cura para algum mal ou para expressar, em penitências, a gratidão a Bom Jesus por uma graça alcançada.

Tudo em Lapa, como é conhecida pelo povo barranqueiro, lembra a fé católica, desde o comércio com suas imagens, medalhinhas, fitas e réplicas em cera de partes do corpo humano para ex-votos, passando pelos nomes de empresas transportadoras de romeiros, como a Milagre, até às rancharias - onde se hospedam a maioria dos peregrinos -, "batizadas" com nomes de santos, personagens bíblicos ou baseados na crença a Bom Jesus, como a Pedra Santa, uma referência às grutas que formam o santuário.

Conta a história, que a devoção a Bom Jesus começou, em 1679, com a chegada a Salvador (BA) do português Francisco de Mendonça Mar, eficiente ourives e pintor. Em 1688, já estabelecido na cidade, o português foi contratado para pintar o Palácio do Governador. Executado o serviço, Mendonça Mar não recebeu o pagamento e, ao reclamar do "calote", foi preso e espancado. Na prisão, desiludido com a injustiça, jurou não servir a mais nenhum senhor desse mundo. Após ser solto, em 1691, se embrenhou pelo sertão baiano, carregando uma imagem de Bom Jesus, em uma caminhada de 200 léguas (1.200 km) até encontrar um morro encravado por um notável complexo de grutas. Introduziu a imagem em uma das grutas e iniciou uma vida de ermitão, até ser descoberto por bandeirantes, garimpeiros e aventureiros.

Impressionados com a unidade formada pelo homem, a imagem de Bom Jesus e a gruta, que àquela época ficava às margens do São Francisco, os viajantes consideraram "santo" o local e a notícia se espalhou rapidamente, começando assim, a peregrinação. Informado do inusitado caso do "monge da gruta", o bispo de Salvador, Dom Sebastião Monteiro de Vide, mandou chamar à capital o tal ermitão. Por lá, Francisco de Mendonça Mar ficou durante alguns anos, estudou e se ordenou padre, retornando a Bom Jesus da Lapa, em 1706, como capelão do Santuário de Voto do Senhor Bom Jesus da Lapa e de Nossa Senhora da Soledade.

Em 1903, a gruta sofreu um incêndio e com isso o espaço interno foi ampliado. O fogo abriu uma janela junto ao altarmor, melhorando a iluminação natural. Entre 1950 e 1965, foi aberto um túnel ligando a gruta do Senhor Bom Jesus com a de Nossa Senhora da Soledade. A construção da igreja na gruta de Bom Jesus da Lapa é do final do século XVII. Em frente foi criada uma esplanada, entre 1915 e 1920, para celebrações, que sofreu nova ampliação em 1946. No local estão hoje as estátuas de bronze dos apóstolos e uma torre à esquerda, de 40 metros, ao lado do altar campal.

27-10-2001

SURPRESA EM PARATINGA: PRÉDIOS ANTIGOS EM BOM ESTADO DE CONSERVAÇÃO

PARATINGA (BA) - Conta a história que em 1.600 e alguma coisa um caçador adentrou na mata e encontrou uma imagem de Santo Antônio encostada no tronco de uma árvore. No galho acima, um urubu de asas abertas fazia sombra para proteger a imagem do sol. E daí surgiu o culto ao santo e a construção da capela que foi o marco do povoamento do arraial de Santo Antônio do Urubu de Cima, hoje, Paratinga, com 10.000 habitantes, que já foi chamada de Urubu e depois Rio Branco.

A expedição Engenheiro Halfeld passou por essa cidade baiana e, talvez, tenha vivido o dia mais longo desde que começou a sua cruzada pelo rio São Francisco, no último dia 15, em Pirapora (MG), com destino ao mar de Alagoas. Um dia longo pela imensa beleza arquitetônica e manifestações culturais que o seu povo nos deu o privilégio de vivenciar. Mas, ao mesmo tempo, um dia curto. Paratinga, sem dúvida alguma, ainda guarda muitas preciosidades e histórias que merecem longos capítulos para serem contadas.

No adro da Igreja Matriz de Santo Antônio, do século XVII, a banda de pífaro Zabumba Alecrim deu uma pincelada na magia do lugar. Uma melodia fervorosa entoada pelo som de duas gaitas, um farrapo, zabumba, tambor e pandeiro. Antes, a orquestra filarmônica da cidade, fundada em 1902, despediu-se do dia, tendo ao fundo, no céu, os lampejos dourados do crepúsculo vespertino.

Mas não ficou só por aí. A parte mais alegre do dia ficou por conta de 12 senhoras, negras de coração, algumas já idosas. Era a folia dos Santos Reis do Boi, um sapateado convidativo, contagiante ainda mais pela simpatia que parecia saltar dos olhares de pirilampo e dos sorrisos rasgados das mulheres, vestidas com longas saias vermelhas, blusas estampadas no mesmo tom, chapéus de palha enfeitados com tiras coloridas. Uma tradição na cidade, passada de mãe para filha, ao longo dos séculos. Dona Zabelona, integrante do grupo, até se esqueceu da bengala e caiu na folia, dando gargalhadas e equilibrando uma garrafa de cachaça na cabeça.

Em 1879, quando percorreu o rio São Francisco fazendo pesquisa para melhoramento dos portos do Brasil, Theodoro Sampaio, em seu diário de viagem, conta que Urubu era uma vila pobre, das mais antigas do sertão e edificada em sítio elevado, mas sem beleza. "Vetustez" que nada, Theodoro Sampaio! Velho e antigo sim, mas hoje nada se encontra estragado como foi descrito naquela época. Embora não tombados, os prédios antigos estão em bom estado de conservação. A Casa da Cultura, do início do século XX, está nova em folha depois da reforma. Estava em ruínas. Na parte superior da fachada, os índios representados. O prédio da Sociedade Filarmônica 13 de Junho, de 1902, parece que foi levantado ontem, com a sua harpa no topo. Mesmo em ruínas, a capela de Nossa Senhora do Rosário, do século XIX, mantém a sua beleza do jeito que

está.

A ilha de Paratinga, a maior do São Francisco, com 18,5 km de extensão e 3,5 km de largura, só perdeu um pouco da beleza com a ausência dos 15 vapores que apitavam ao seu redor. "Já dormi na ilha para esperar o vapor chegar. Eu vendia laranja, galinha, banana, batata, abóbora e tomate. Açougueiro levava o gado morto. Teve gente daqui que enricou. Eu deixava de vender em casa para vender no vapor. Lá era bem comprado. Vendia mais caro ", disse Joaquim José dos Santos, o "Seu Quinca do Pulú", 84 anos. A casa do cais também resiste ao tempo, mas sem as mercadorias que chegavam nos vapores.

28-10-2001

VIAGEM EM LUMINAR CHEGA AO FIM: TRIPULAÇÃO DEIXA SAUDADES

BARRA (BA) - O domingo é de despedida para a Expedição Engenheiro Halfeld, neste histórico município baiano. Depois de 14 dias de convivência contínua, os viajantes se separam, já com saudades da tripulação da Luminar, que retorna a Pirapora (MG). A expedição agora muda para uma barca mais adequada para viajar pelo lago Sobradinho, a Nina. Serão 72 horas de navegação, quando pesquisadores, jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas poderão ver e registrar o que restou das antigas cidades de Remanso, Casa Nova, Sento Sé, Pilão Arcado e Sobradinho, submersas à época da construção da barragem, mas cujas ruínas voltam a aparecer com o baixo nível das águas na represa.

O trabalho eficiente e executado com carinho pelos seis tripulantes da Luminar, no entanto, não será esquecido. A começar pelo pulso forte do capitão Lúcio Enes Barreto, 54 anos, barranqueiro de Pirapora (MG), que com a energia herdada do tio avô Rotílio Manduca, um dos homens mais temidos do sertão mineiro, entre os séculos XIX e XX, cuidou para que tudo corresse "na mais perfeita ordem". Contador de formação, há quatro anos o capitão comprou a Luminar de um grupo de adventistas para levar turistas e pescadores pelas águas do "Velho Chico". Cumprido o compromisso com a expedição, volta para casa e retoma a rotina com a certeza de ter participado "de uma campanha para a salvação do São Francisco", como disse com orgulho.

A sensação de segurança desses dias retornará à memória dos viajantes sempre que o assunto for a navegação. A experiência dos pilotos da Luminar - José dos Santos Barros, o "Zé Baixinho", e Carlos Francisco da Silva, o "Carlinho" - proporcionou a todos uma viagem tranqüila, de Pirapora até aqui. A embarcação conseguiu deslizar suavemente nas rasas águas do São Francisco, sob o comando da dupla, que se revezava no leme a cada seis horas navegadas. Com profundidade variando entre 1,2 m e 1,6 m - as chuvas, que acompanharam a Luminar de Pirapora a Manga, melhoraram as condições, mas não foram suficientes para que o rio se recuperasse - o leito do "Velho Chico" pode oferecer riscos. A perícia de Zé Baixinho e Carlinho, porém, garantiu que bancos de areia não se transformassem em perigo, apenas uma imagem triste da agonia do rio, atingido pelo escoamento de esgoto e depósito de lixo. Uma vara serviu de instrumento para a medição da fundura do rio.

Mas tristeza não tem nada a ver com os dois pilotos. A prosa do baiano de Casa Nova, Zé Baixinho, 61 anos vividos "na beira do rio" - piloto e pescador - e do piraporense Carlinho, 41, ex-tripulante do Vapor Benjamin Guimarães, é das mais agradáveis. A cabine de comando foi o destino certo dos viajantes quando o assunto era futebol. Cruzeirenses "roxos", o que para Zé Baixinho deve causar constrangimento entre os conterrâneos baianos - os dois se rivalizaram com a torcida do Atlético MG, hegemônica entre a equipe de muitos mineiros da expedição.

Os maquinistas Marco Aurélio Santos, de 44 anos, e Adílson Ribeiro de Souza, 53, tiveram a viagem mais dura, sobretudo, depois que a Luminar alcançou as terras baianas. As chuvas deram lugar a um céu limpo e a um sol brilhante. A beleza contrastou com a aridez, sob uma temperatura entre 30º e 40º. Difícil para os viajantes, pior para os maquinistas, cuja a natureza do trabalho exigiu que ficassem quase que todo tempo na casa de máquina da barca, zelando pelo bom funcionamento de motores, controlando o nível de óleo e o aquecimento da máquina.

A dupla também foi responsável pelo monitoramento do gerador de energia da Luminar. O equipamento, que permitiu o trabalho dos viajantes durante a navegação, faz um barulho desconfortável, atingindo também com mais intensidade os maquinistas, que para fugir do ruído e calor colocavam banquinhos no convés, após o meio dia, quando tiravam um dedo de prosa com os integrantes da expedição.

A saudade vai bater no coração, mas também no estômago dos expedicionários. O cozinheiro Edílson Joventino dos Santos, 32 anos, o "Dida", quase matou de comer os viajantes e colegas tripulantes, servindo pratos deliciosos temperados com "folhas de louro, cominho, alho e sal", como explicou de forma polida quando perguntado o segredo da sua culinária. Piraporense, ex-menino de rua, Dida é cozinheiro profissional desde os 18 anos, quando trabalhou em uma companhia de reflorestamento, "cozinhando para 240 peões, na divisa de Minas com a Bahia", contou. No trabalho, Dida é auxiliado por Evilásio Pereira de Macedo, 43 anos, responsável também pela limpeza do barco. Evilásio atendeu, sempre calado e sorridente, os pedidos do grupo numeroso, e meio tímido, nas horas de folga, se aproximava dos viajantes para ouvir histórias e rir das brincadeiras. Nem bem partiram, os tripulantes da Luminar já fazem falta à Expedição Engenheiro Halfeld.

DIÁRIO DE BORDO COLUNA 28 de outubro de 20052

29-10-2001

CRIANÇAS DO SERTÃO BAIANO TROCAM LATA D'ÁGUA POR LIVROS

CAMPINHOS (BA) - Ao chegarem neste pequeno povoado, localizado às margens do São Francisco, no município baiano de Serra do Ramalho, os viajantes da Expedição Engenheiro Halfeld se depararam com uma das 11 comunidades do Projeto Agro Extrativista do São Francisco (Pae). Coordenado em parceria pelas Comissões dos Trabalhadores Acampados e Assentados do Estado da Bahia (Ceta) e Pastoral da Terra (CPT), o assentamento impressionou pela organização de seus integrantes, pela consciência política das lideranças e pela dignidade predominante em um ambiente sem as mínimas condições de saneamento básico.

Na comunidade, que aguarda desde 1995 a regularização de 40% das terras ocupadas, não há sequer fossas sépticas. "Aqui é um lugar muito pobre, não tem isso não. O povo quando necessita vai mesmo é no mato", disse "seu" Aristides, um agricultor que vive no lugar com a mulher e cinco filhos.

Engana-se quem pensa que a pobreza desestimula os moradores. O futuro está nas mãos das crianças. Escola para elas não falta. Os trabalhos sobre preservação ambiental e importância das águas, desenvolvidos pelos alunos do curso fundamental, ficam expostos na pequena capela e ajudam a conscientizar adultos. Pela manhã, é possível observar a inusitada cena de meninos e meninas carregando, ao invés da trouxas de roupa ou latas d'água, os livros na cabeça. No caminho da escola, passam pelo cruzeiro que marca a passagem do Frei Luiz Cappio, Bispo de Barra (BA), pelo local, em sua peregrinação por municípios ribeirinhos, entre 1992 e 1993, para pedir a revitalização do "Velho Chico".

A esperança dos moradores de uma melhor condição de vida, contou o cearense Francisco Pinto Veros, uma das lideranças locais, está também em um diagnóstico do assentamento que está sendo preparado por uma equipe multidisciplinar - assistentes sociais, psicólogos, médicos e economistas - da Universidade Federal da Bahia. O trabalho vai subsidiar um programa de desenvolvimento sustentável para a comunidade. A idéia é implantar no local as atividades de piscicultura e apicultura.

A sensibilização das autoridades em Campinhos é feita através da mobilização de toda a comunidade, seguindo o sistema de organização de todas as unidades do Pae São Francisco. - dez em Serra do Ramalho e uma em Carinhanha (BA). Cada comunidade possui uma associação de moradores que leva à coordenação do projeto suas demandas. Mil famílias vivem nessas comunidades, totalizando perto de 5 mil pessoas.

Long. 37° 39' 54"O

30-10-2001

CONSTRUÇÕES RESISTEM AO TEMPO NO MUNICÍPIO BAIANO DE BARRA

BARRA (BA) - Ainda criança, Maria Joana Mariani foi prometida em casamento a Dom Félix Castelo Branco, nobre da casa das pedras, mas ela só veio a conhecer o noivo no dia da cerimônia. Só que a moça não era nada bonita e Dom Félix não podia fazer desfeita às famílias. Casou-se, mas sumiu no mundo tão logo aconteceu a troca de alianças, deixando a pobre Maria Joana ainda virgem. Ela, desiludida, passou o resto de sua vida costurando e bordando, com fios de ouro, roupas para uma imagem em louça do Deus Menino Jesus. O santo, que ainda existe, tem o órgão sexual e era pecado ficar à vista.

Parece, mas não é folhetim. É história real acontecida há 150 anos na cidade de Barra, onde as pessoas têm o privilégio de passar pelo "túnel do tempo" só de colocar os pés na soleira da casa de uma outra Joana, a Camandaroba, professora e escritora, de 87 anos, dona de um acervo de fazer inveja a muitos museus. Literalmente, a "casa da mãe Joana", é visitada por muitos que passam pela região. Em sua passagem por esse município baiano, a Expedição Engenheiro Halfeld conheceu um pouco de sua história, tendo como pano de fundo a belíssima arquitetura de construções que resistem ao tempo.

A casa de Joana Camandaroba foi construída há 110 anos e se encontra em bom estado de conservação. As pinturas, lustres, alguns móveis e o oratório com frisos conhecidos por "pão de ouro" continuam do mesmo jeito de quando ela se mudou para a casa com os pais, há 80 anos. As pratarias, guardadas em uma arca, foram feitas a martelo. A peça "cavaleiro antigo" (caneca com uma corrente para apanhar água em rios sem precisar descer do cavalo) traz o brasão do império português. Tudo em prata 900, considerada a de melhor qualidade. Uma bacia em forma de concha, estilo Dom João VI, foi fabricada em Portugal e impressiona pela beleza.

O jarro, também em prata, tem o desenho de um dragão. Dois penicos, em louça e porcelana, foram fabricados no século XIX na França e Inglaterra. A imagem de Nossa Senhora da Conceição, feita em marfim, está avaliada em US\$ 100 mil, segundo a proprietária. O faqueiro e os jogos de café e chá têm as iniciais do Barão de Cotegipe, ministro de Estado do governo Dom Pedro II. São muitas as terrinas francesas (vasos com tampa em que se leva sopa ou caldo à mesa). A arca onde são guardadas as pratarias e as louças tem 150 anos e possui as iniciais de Maria Clara Mariani, irmã do Barão. As cadeiras austríacas têm o selo de Viena.

A casa de dona Joana foi construída, segundo ela, pelo coronel José Mariani, da família de italianos que chegou à cidade no século XIX, detentora de muitas posses, cultura e generosidade. "Dona Lilia não quis morar na casa porque viu uma amante do coronel olhando a casa antes dela", disse Joana. "Ninguém quis morar na casa, que ficou fechada. O coronel a vendeu a um parente, doutor Chico Mariani, que morreu e a

viúva vendeu a casa para o meu pai", acrescentou. Hoje, os Marianis são homenageados com o nome da principal rua de Barra. Halfeld

Quando passou pela cidade entre 1852 e 1854, o engenheiro alemão Henrique Guilherme Fernando Halfeld, autor do primeiro levantamento topográfico do rio São Francisco, falou em seu relatório do caráter nobre e leal que manifestavam os habitantes da então Villa da Barra, em todas as suas ações civis e religiosas, particularmente das famílias de maior distinção. "Faz reconhecer que reina franqueza, o mais polido cavalheirismo, e, em extremo, delicadas maneiras na vida social que rivalizam com as dos habitantes de uma corte das mais civilizadas", diz o relatório. Quase 150 anos depois, a população da cidade, embora não com o potencial econômico daquela época, ainda preza pela simpatia e boa receptividade para com os seus visitantes.

31-10-2001

BARRA, A CIDADE HISTÓRICA DO INTERIOR BAIANO, NÃO TEM PATRIMÔNIO TOMBADO

BARRA (BA) - Uma moderna agência bancária ocupa hoje o terreno onde ficava a casa de João Maurício Wanderley, o Barão de Cotegipe, ministro por cinco vezes e conselheiro do imperador Dom Pedro II. A Catedral de São Francisco das Chagas - cuja pedra fundamental de construção foi lançada em 1859 - também perdeu várias de suas características originais.

Assim se encontram alguns dos acervos da cidade baiana de Barra, antiga Vila São Francisco das Chagas da Barra do Rio Grande do Sul, fundada em 1752, e que durante o século XIX constituiu-se em importante centro de comércio e cultura para as comunidades barranqueiras. A falta de proteção legal provavelmente selou o destino desses bens.

Barra, apesar de sua relevância histórica, não constava sequer do estudo preliminar que norteia o roteiro de visitas da Expedição Engenheiro Halfeld, o que causou polêmica na cidade, onde os viajantes aportaram para a troca de barca. O motivo, explicaram os pesquisadores, é justamente a falta de proteção dos acervos. Um dos critérios da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) para reconhecer um bem como patrimônio mundial é o tombamento, seja pelo município, estado ou União. "O princípio da Unesco é claro. Se a comunidade não cuida de seus bens, não será um organismo internacional que irá fazê-lo", reforçou um dos coordenadores da expedição, o jornalista Guilherme Minassa.

A cidade, no entanto, guarda ainda edificações históricas bem preservadas, como a igreja de Bom Jesus dos Navegantes, construída em 1808, o Mercado Municipal, de 1917, o Palácio Episcopal, de 1932, e um belo e significativo conjunto de casario neoclássico, que retrata a nobreza de uma época em que barões e viscondes tinham como hábito ostentar o poderio econômico nas fachadas de suas residências.

Para a historiadora Eliane Magalhães, pesquisadora do Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha), o rico acervo de Barra pode ter sua proteção garantida pela ação do próprio município. "O município tem a responsabilidade de orientar e conduzir o desenvolvimento urbano, equilibrando a necessidade de intervenções com a preservação histórica e cultural. A principal medida de proteção dos acervos, no caso, é o tombamento, que deve ser feito depois de um processo de reflexão com toda a comunidade", opinou.

Sem considerar a capacidade do próprio município de ser o agente de proteção de seus acervos, o secretário de Desenvolvimento Urbano de Barra, Sócrates Teixeira do Nascimento, transfere para o governo da Bahia a responsabilidade. Segundo ele, a Secretaria de Estado de Cultura é "tímida" em relação ao tombamento

de prédios antigos no interior do Estado.

Polêmicas à parte, a historiadora Eliane Magalhães apontou as manifestações culturais de Barra como mais um traço singular deste histórico município. "São significativos o artesanato, as festas religiosas e folclóricas, que mostram claramente a formação da cultura brasileira, com a contribuição de índios, negros e portugueses". Entre as festas tradicionais da cidade, Eliane destacou a Marujada e a Buscapé.

Encalhe

Os viajantes da Expedição Engenheiro Halfeld puderam vivenciar, a partir da noite de segunda-feira e durante todo o dia de ontem, os problemas que o assoreamento do São Francisco traz à navegação. A barca Nina, que transporta os pesquisadores pelo lago de Sobradinho, encalhou em um banco de areia, em região próxima a cidade velha de Pilão Arcado.

01-11-2001

LENDA DA SERPENTE CANTADORA ENCANTA A EXPEDIÇÃO NO INTERIOR BAIANO

XIQUE-XIQUE (BA) - Não há dúvidas de que o rio São Francisco é uma fábrica de lendas. É santo que foge de igreja, é caboclo d'água que vira cabaça para atrair e comer as pessoas, é serpente cantadora, mãe d'água, entre tantos outros mistérios que habitam as profundezas do "Velho Chico" e aguçam a imaginação dos barranqueiros. E a cada cidade visitada pela Expedição Engenheiro Halfeld tem sempre uma história fabulosa a ser contada. Na ilha de Miradouro, em Xique-Xique, ninguém sabe ao certo onde foi parar a serpente que vivia debaixo do altar-mor da Igreja de Santana do Miradouro. A construção, do início do século XVIII, fica em uma ilha de 12 km de extensão por 6 km de largura, formada por um braço do rio São Francisco, onde o único acesso é através de canoas.

A zeladora Edite Ferreira da Silva, 71, é de uma convicção inquestionável quando fala da origem da igreja. "Ela foi construída por um caboclo rico chamado Rubério Dias Muribeca. A mãe dele virou uma serpente e ele construiu uma igreja para acorrentá-la debaixo do altar. De primeiro, os caboclos não morriam, viravam onças. Por isso que caboclo que fica velho tem os olhos de onça. E quem virava serpente era acorrentado." De sete em sete anos, relatou a zeladora, acontece um estrondo na igreja, deixando-a toda rachada. "A gente tem que rezar o ofício senão a serpente aparece e sai comendo tudo", afirmou, mostrando uma serpente pintada aos pés da imagem de São Jorge. Culpa da serpente, ou não, o que os pesquisadores da expedição puderam constatar é que a igreja está em péssimo estado de conservação.

No altar, uma inscrição antiga revela que a primeira reforma da igreja aconteceu em 1849, por Francisco Ribeiro de Souza, e a segunda em agosto de 1939, pelo pintor José Rodão. Hoje, o forro do altar, com a pintura da santa, está quase desabando devido à ação dos cupins e infiltração. A imagem original da santa, com uma coroa de ouro, foi roubada há 20 anos. Em uma outra invasão, o piso da sacristia foi arrancado e cavaram um buraco em busca de um possível tesouro que acreditam estar enterrado por ali. De acordo com a historiadora do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha), Eliane de Magalhães Matos, a igreja tem potencial para tombamento, precisando de reparos principalmente no forro, no coro e no altar-mor que já perderam grande parte da pintura original. O telhado, que não tem cumeeira e é sustentado por tesourinhas de linha alta, corre o risco de desabar.

Do acervo, chamou a atenção da historiadora uma pequena imagem de Santana em madeira, possivelmente tão antiga quanto à igreja. O interior conserva púlpito com bacia de pedra e guarda-copo de madeira, almofadado. As grades da comunhão, em treliça, estão amontoadas há vários anos na sacristia. A Igreja de Santana do Miradouro encontra-se em processo de tombamento estadual. Sobre a origem do nome da ilha, alguns de seus 300 moradores disseram que partiu de "mira ouro". Do local onde existe a igreja, segundo

eles, os índios tinham o poder de avistar ouro na Serra Gentil do Ouro, próxima dali. Um outro zelador da igreja, Antônio Pereira de Oliveira, disse que a ilha já foi alvo de disputas. Informou que em 1987 foi baleado durante um tiroteio com um grileiro que queria tomar posse da ilha.

DESENCALHE

A barca Nina, que transporta os integrantes da Expedição Engenheiro Halfeld pelo lago de Sobradinho, conseguiu na manhã de ontem deixar a ilha das Cabras, onde ficou encalhada por 37 horas e sofreu danos no seu eixo. Ela segue, agora, para Juazeiro, dando continuidade ao trabalho de levantamento de todos os bens arquitetônicos, culturais e naturais, ao longo do rio São Francisco, para tombamento pela Unesco.

0219"5

02-11-2001

VENDAVAL PROVOCA TENSÃO NA EXPEDIÇÃO EM SOBRADINHO

LAGO DE SOBRADINHO (BA) - Passageiros e tripulantes da barca Nina - que transporta os integrantes da Expedição Engenheiro Halfeld - passaram por momentos de tensão na manhã de ontem, quando foram apanhados por um vendaval no meio do lago de Sobradinho. Foi na hora do café da manhã e tudo no barco ficou revirado. Em um trecho onde a extensão do lago chega a mais de 10 km, próximo ao povoado de Pau a Pique, as maretas se transformaram em grandes ondas. Com a oscilação da barca, pessoas e objetos foram arremessados no chão e de um lado para o outro.

De acordo com o capitão da barca, Pedro Brasilino dos Santos, 74, os ventos fortes aumentaram a rotação do motor, estourando a bomba injetora, responsável pela refrigeração da máquina. Com 55 anos de navegação no rio São Francisco, ele conduziu a barca para um canal mais tranquilo, mas a ventania continuou. A barca parecia um pêndulo. "Aqui sempre venta. Já passei por situação como essa e não é novidade", disse, o capitão a passageiros e tripulantes para que mantivessem o controle. Ele admitiu, entretanto, que já aconteceram naufrágios no Sobradinho, em função dos ventos impetuosos.

A Expedição Engenheiro Halfeld, que percorre o rio São Francisco desde o dia 15 do mês passado, trocou de embarcação no último domingo, em Barra (BA), justamente para enfrentar os perigos do lago de Sobradinho, onde os ventos provocam verdadeiras ondas no espelho d'água. No período de cheia, essas ondas podem atingir até dois metros de altura. A Nina tem 31 metros de comprimento, 6,40 metros de largura, motor de 310 cavalos. Seu casco pesa 72 toneladas. Ao todo, a barca navega com um total de 90 toneladas, incluindo uma caminhonete de apoio terrestre que está no porão e com a ventania foi arremessada na lateral do barco. O veículo só não caiu na água porque foi contido por um portão de aço.

Na cozinha, armários e prateleiras desabaram. Mais de 30 copos, taças e vários pratos foram quebrados. Na despensa, mantimentos revirados. A caixa d'água, de 1.000 litros quase caiu no convés do segundo andar. As tubulações que levam a água da caixa aos banheiros e cozinha foram danificadas.

No refeitório, onde todos tomavam o café da manhã, o bebedouro foi arremessado ao alto e jogado ao chão. Um móvel com TV e som atravessou a sala e foi contido por um dos passageiros. O ambientalista Ricardo Castro foi lançado, ainda assentado, contra uma das laterais do barco. Ninguém se machucou.

O técnico de informática Armando Garcia correu até a área usada como escritório para tentar proteger notebooks e impressora dos impactos. Os equipamentos foram salvos e colocados sobre colchões. Mas papéis e documentos foram levados pelo vento. Parte do parapeito da lateral esquerda do barco descolou.

No camarote onde foi montada a sala de telecomunicações, uma cômoda tombou, arremessando no chão o

conteúdo das gavetas. Um tripé quebrou e a grade de proteção das lâminas de um ventilador foi arrancada. A sensação era de uma verdadeira tormenta, em alto mar. Uma hora depois do acidente, a tripulação da Nina conseguiu remendar a bomba injetora para que o motor voltasse a funcionar. A troca da peça danificada seria feita na cidade de Sobradinho, próximo destino dos viajantes.

Quando percorreu o rio em 1867, o explorador britânico Richard Burton relatou que nessa mesma região os acidentes eram tão comuns que dificilmente se encontrava com um barqueiro que não tivesse naufragado ao menos uma vez. "De súbito, quando a atmosfera está claríssima, o vento varre com força a superfície das águas, formam-se as ondas, e a canoa ou ajoujo submerge", diz Burton em seu livro.

03-11-2001

EXPEDIÇÃO TENTA DESVENDAR ENIGMA DAS CARRANCAS DO RIO SÃO FRANCISCO

JUAZEIRO (BA) - Carranca é cara feia, carregada, mistura de homem com bicho, mas ocupa um lugar de extrema importância na arte popular e nas crenças do rio São Francisco. Na proa das embarcações, essas exóticas esculturas em madeira têm como principal objetivo afugentar o azar e o mau-olhado.

Ao longo de seu percurso pelo rio São Francisco, a Expedição Engenheiro Halfeld conheceu alguns artistas que, além do rio, estão conquistando galerias internacionais para exposição de suas obras. É o caso de Adalberto Dias Ferreira, 70, o "Seu Nenzinho", de Bom Jesus da Lapa (BA), cujos trabalhos ganharam o mercado holandês. Ele passa até um mês trabalhando uma única peça. Na Holanda, suas carrancas também são alugadas para decoração de eventos. Em Brasília, as peças são vendidas a R\$ 300.

Ainda criança Seu Nenzinho aprendeu a fazer carrancas só de observar as embarcações do São Francisco. "Eu era menino. Ficava na beira do rio. Passavam os barcos com carrancas e eu via os modelos, as cabeças. Tinham vários tipos, a marajoara, a risonha, que parecia um cavalo, a amaralina e a zuleica, que tinha um penacho na cabeça. As madeiras eram o buriti e a barriguda. Depois, aperfeiçoei-me com a Imburana, que é macia e não tem muito nó", disse o carranqueiro.

Segundo ele, as carrancas na proa das embarcações servem para espantar as feras e os espíritos ruins. "Contam que a carranca geme três vezes quando há perigo de o barco afundar. Eu acredito nisso, mas na verdade nunca escutei gemido nenhum. Vi correr onça, capivara e outros bichos que vivem no barranco. Antes, as cabeças das carrancas eram para mais de três metros."

Uma outra carranqueira de renome é a ex-cantora da Rádio Excelsior de Salvador (BA) Maria de Lurdes Gonçalves Lopes, 63. Ela aprendeu a arte quando passou cinco anos morando no vapor São Francisco, fugindo da Ditadura Militar de 1964. Hoje, ela mora em Pirapora (MG). No vapor, dona Lurdinha Gonçalves, seu nome artístico, disse que conheceu o famoso carranqueiro Francisco Biquida Dy Lafuente Guarany. "Pedi a ele que me ensinasse a arte, mas ele se recusou. Disse que tinha aprendido com o pai, que não gostava de ensinar principalmente a mulher", lembra a escultora, que decidiu ficar observando de longe o trabalho de Guarany e aprendeu o ofício.

Durante a sua permanência no vapor, a carranqueira viveu um romance com o comandante da embarcação, Francisco Barroso, que mais tarde tornou-se seu marido. Ele a presenteou com as ferramentas compradas de uma viúva de carranqueiro, em Pirapora. "Barroso me falou que as carrancas mais cotadas eram as misturas de homem com animal, com cabelos trabalhados, olhos esbugalhados, pintadas de vermelho, branco

e preto. As minhas primeiras foram um fracasso. Saíram com cara de vampiro", acrescentou.

"Todas as minhas carrancas saem conforme o meu estado de espírito. Se estou alegre, elas saem alegres. Se estou triste, saem tristes. Todo mundo sabe quando estou depressiva só de colocar os olhos na minha carranca", conta dona Lurdes.

No livro "Carrancas do São Francisco", lançado em 1974 pelo escritor Paulo Pardal, diz que as famosas carrancas do São Francisco constituem um enigma da arte popular tanto pela notável expressão artística como pela dupla originalidade. Na pré-história, as carrancas eram utilizadas na proa das embarcações como forma de garantir a subsistência através da caça e da pesca. "A fim de se aproximar de suas presas sem ser percebido, é provável que tenham sido usadas peles e caveiras de animais na proa dos barcos, como camuflagem."

De fato, diz o livro, mais do que qualquer outro engenho fabricado pelo homem, o barco sempre foi exposto às forças da natureza, ou deuses na interpretação dos primitivos. "Nada mais natural que para homenageá-los (os deuses) e aplacar a sua eventual ira, manifestada em perigosas tempestades, fossem utilizadas as suas imagens nas embarcações", concluiu Pardal em seu livro.

04-11-2001

REVITALIZAÇÃO PASSA PELO TRATAMENTO DO ESGOTO E CRIAÇÃO DE APA'S

JUAZEIRO (BA) - A revitalização do "Velho Chico" é a grande causa dos 55 anos de vida do Frei Luiz Flávio Cappio. Paulista de Guaratinguetá, ele serve à Diocese de Barra (BA) há 28 anos, os quatro últimos como bispo. Nesse tempo, o franciscano aprendeu, a partir de seu relacionamento com a população baradeira, que "amar o rio é condição para amar o povo, porque aqui povo e rio são uma coisa só. O sangue que as pessoas têm nas veias é a água do rio". Com essa convicção, empreendeu uma peregrinação, de um ano, da nascente do São Francisco, na Serra da Canastra (MG), até a foz, em Piaçabuçu (AL), entre 1992 e 1993, quando visitou mais 100 municípios ribeirinhos, chamando a atenção dos brasileiros para a agonia do rio e mobilizando as comunidades em sua defesa. Desde então, tornou-se referência para todos que têm no rio a fonte de seu trabalho, estudo, vida e amor.

Frei Luiz Cappio é o religioso mais querido pela população barranqueira. A lembrança de sua peregrinação, feita a pé, de carro e barco, está presente em todas as comunidades visitadas pela Expedição Engenheiro Halfeld. Desde as professorinhas de Ibiaí (MG), que receberam os viajantes entoando uma canção de louvor ao rio de sua autoria, passando pelos assentados do povoado de Campinhos, em Serra do Ramalho (BA), que mantêm de pé o marco de sua passagem por lá, até a população de Barra, onde o respeito pelo bispo já virou veneração. Lá, já estão na boca do povo lendas sobre seus feitos.

Dona Joana Camandaroba, uma escritora barrense de 87 anos, garantiu aos expedicionários que, durante a peregrinação, o grupo liderado por Frei Luiz Cappio foi atacado várias vezes por onças, que eram afugentadas, sem maiores problemas, com as orações do bispo. "Ele saía a pé, nesse mundo inteiro, em todos os municípios, encontrava com as onças no caminho, ajoelhava, rezava e entregava a Deus, e as onças passavam", sustentou.

Para o frei, o reconhecimento das populações ribeirinhas pelo seu trabalho é a melhor recompensa, embora faça questão de frisar que há muito ainda a ser feito. "Sem falsa modéstia, acredito que acertamos na mosca ao levarmos a nossa mensagem diretamente ao povo, que nos entendeu. Mas o retorno é inversamente proporcional à condição social de uma comunidade e obedece a mesma escala quando se trata das instâncias do poder público", revelou.

Frei Luiz Cappio, que recebeu no Palácio Episcopal uma equipe da Expedição Engenheiro Halfeld, em sua passagem por Barra, enumerou duas questões que considera fundamentais e prioritárias para a revitalização do São Francisco. A primeira delas é o cumprimento da lei que determina que nenhum esgoto pode ser lançado nas águas do rio, sem o devido tratamento. "Já é lei, mas os poderes constituídos simplesmente a ignoram", ressaltou. O bispo defendeu também que cada município crie Áreas de Preservação Ambiental

(APAs), através de projetos de lei encaminhados aos legislativos locais, nas nascentes de seus rios. "Se isso não acontece, elas acabam degradadas e os cursos d'água mortos", sentenciou.

Frei Luiz Cappio considera que os poderes municipais e as organizações não-governamentais (ONGs) são os públicos que agora precisam ser mobilizados em defesa do "Velho Chico". Sobre a seca do último ano que diminuiu ainda mais o nível das águas do São Francisco e piorou significativamente a vida do povo beiradeiro, o franciscano disse: "Essa situação calamitosa é a grande resposta do rio. Ouvida até pelas elites que começaram a se preocupar com a ameaça de colapso na produção de energia elétrica e dos projetos de irrigação. Há males que vêm para o bem. A partir dessa resposta, a idéia da transposição do São Francisco, até então uma bandeira do governo federal, simplesmente morreu", alfinetou.

05-11-2001

DIÁRIO DE BORDO COLUNA 4 de novembro de 2001

HISTÓRIA, MISTICISMO E MUITA BELEZA PELAS MARGENS DO SÃO FRANCISCO

SENTO SÉ (BA) - Para os arqueólogos, as pinturas rupestres do povoado de Riacho do São Gonçalo - município baiano de Sento Sé, a 50 km da divisa com o Pernambuco - é de uma riqueza histórica incalculável. Para a descendente indígena Maria de Carvalho, de 69 anos, é mais do que isso. É um lugar sagrado onde se toma chá de jurema preta para invocar os espíritos de seus antepassados, buscando proteção e cura para os males.

No local, conhecido por boqueirão, 106 painéis já foram localizados em 31 sítios arqueológicos. A estimativa de pesquisadores é que as pinturas tenham sido feitas há 9.000 anos, até 1750, com a colonização portuguesa. São vários os desenhos de pássaros com as asas abertas, com morfologias, técnicas e cenografias diferentes.

"Na pré-história, o boqueirão era local de passagem. Nunca teve índio fixo, mas, sim, uma mobilidade sazonal", informou Celito Kesting, professor de história e secretário de Planejamento do município vizinho de Sobradinho. "Trabalhamos com a hipótese de que é verdade a tradição oral de que os índios fugiam da missão de São Gonçalo, na foz do rio Salitre, e faziam os seus rituais aqui no boqueirão", acrescentou o professor.

O embasamento dele se deve a uma pintura antropomórfica segurando uma espada, no sítio arqueológico Pedra dos Macacos. "A espada era um objeto não conhecido pelos índios. Eles só vieram a conhecê-la após a colonização portuguesa", justificou. Um outro desenho tem a forma anatômica de um braço de escravo, não de um índio, conforme avaliou.

Mas no local também são encontrados o que os estudiosos chamam de grafismo puro, hermético de significado, que só os autores poderiam entendê-los. "Por isso estudamos o significante para identificarmos o grupo ao qual pertencia o autor", afirmou Celito, apontando uma pintura semelhante a uma outra do sítio arqueológico do Peruaçu, em Januária (MG), de estilo caboclo.

Há 12.000 anos, na época holocena, o professor disse que existiam em Sobradinho áreas ribeirinhas habitadas por grupos indígenas. Nessa época, ele conta que o rio São Francisco sofreu uma redução gradativa em seu volume de água, devido à instalação do clima semi-árido, substituindo o tropical úmido.

Teria surgido, então, a ocupação brejeira em serras com nascentes de água.

Até hoje, descendentes de índios do boqueirão do Riacho do São Gonçalo se reúnem para fazer a dança do toré, onde invocam o espírito do ancestral deles, Martin Caçador. Eles tomam a juremada, que é o chá feito com a casca da jurema preta, que é alucinógena, com canela, cravo, açúcar e erva doce. "Depois de dançarem bastante o toré, quando o espírito reinante está preparado, ele se aproxima, se incorpora em um dos dançarinos e aí transmite mensagens de recomendação aos jovens, aconselhamento medicinal, indicando plantas como remédio", disse Celito. Oferendas ao Martin Caçador são feitas com a queima de velas e oferta de galinhas.

Com o sangue de índio nas veias, Maria de Carvalho disse que é só sentir alguma coisa que se embrenha na caatinga seca, atrás dos espíritos, sem se intimidar com as cascavéis que parecem tomar conta do lugar. "A gente toma o chá de jurema e os espíritos baixam em todo mundo. O povo vai brincar, dançar. Não conto mais as vezes que tomei juremada", disse Maria. "Quando a jurema é benzida, tudo é manifestado. A gente reza e canta. A gente pega a se abaixar, pegando nas mãos dos outros." A juremada não é muito recomendada aos brancos, segundo disseram, porque neles há dificuldade de se tirar o espírito incorporado. Se o branco começa a tomar o chá com frequência, alertaram, corre o risco de ficar louco.

As pinturas rupestres são guardadas com ciúmes pelos moradores. Quando chega algum visitante, eles ficam ressabiados, temendo que os desenhos sejam danificados e provoquem a ira do espírito de Martin Caçador. Eles até concordam que o local seja transformado em Área de Proteção Ambiental (APA), mas adiantam que jamais vão arredar o pé dali.

06-11-2001

EXPEDIÇÃO ESTUDA DIFERENÇAS ENTRE JUAZEIRO E PETROLINA

JUAZEIRO (BA)/PETROLINA (PE) - Falar de Juazeiro, na Bahia, sem falar de Petrolina, no Pernambuco, seria o mesmo que fazer baião-de-dois com feijão sem arroz. Essas duas cidades nordestinas não nasceram do mesmo parto, estão em estados diferentes, separadas apenas pelo rio São Francisco, mas estão de mãos dadas na história, embora haja diferenças e uma leve pitada de rivalidade entre os seus moradores.

De um lado, Petrolina, de 191 mil habitantes, com os seus arranha-céus refletidos no espelho do rio. Uma cidade mais moderna, com poucos casarios antigos e um povo aparentemente sem muita animação. Do outro lado do rio, Juazeiro, cidade mais antiga, com muitos prédios históricos, um povo festivo e uma história que morre aos poucos devido à má conservação do patrimônio arquitetônico.

Em sua cruzada pelo rio São Francisco, a Expedição Engenheiro Halfeld teve o privilégio de conhecer esses dois municípios. Em Petrolina, os pesquisadores visitaram a Igreja Matriz Rainha dos Anjos - padroeira da cidade -, que começou a ser construída em 1858 pelos padres capuchinhos e concluída em 1860. Uma igreja singela, estilo neocolonial, mas que teve o piso original em lajota substituído por ardósia. O adro, onde havia um cruzeiro, também foi retirado em 1912. Agora, há projeto de reconstrução do pátio como o marco zero da cidade.

A igreja mantém todas as suas esquadrias originais, portas, coro, tudo em madeira, além dos nichos de imagens sacras de vários períodos. De acordo com o arquiteto Cosme Cavalcante, estudioso da história de Petrolina, a imagem original de Nossa Senhora Rainha dos Anjos foi roubada em 1975, sendo recuperada cinco anos depois. Recentemente, a imagem recebeu uma pintura nova, de gosto duvidoso na avaliação de Cosme. Já a catedral do Sagrado Coração de Jesus, construída há 72 anos, tem aspecto de igreja européia, com muitos vitrais coloridos e três imagens em bronze no meio de sua fachada.

Juazeiro - com 172 mil habitantes - perde o seu charme com a retirada das platibandas das casas antigas. No século XIX e metade do século XX, os frontispícios, feitos com óleo de peixe no lugar de cimento, representavam o poderio econômico do proprietário. Agora, a história dessas residências está sendo encoberta com pedras e cerâmicas. Portas e janelas antigas, quando não substituídas, recebem grades de ferro.

A praça Doutor José Ignácio da Silva faz jus ao apelido que tem: praça da Misericórdia. Numa cidade onde a temperatura chega a quase 40 graus, o gramado foi substituído por cimento. Os bancos em madeira deram lugar aos de concreto. De original só resta o coreto, de 1923. O Museu Regional do São Francisco está fechado desde janeiro devido a desentendimentos políticos. No bairro Piranga, periferia da cidade, a estação

de trem está fadada ao desabamento. Em 1895, quando inaugurada, era a principal ligação de Juazeiro com Salvador. Uma outra estação, também da mesma época, foi destruída há 50 anos para construção de uma ponte.

Enquanto as autoridades não tomam iniciativa para salvar o patrimônio de Juazeiro, o exemplo vem do ex-ferroviário Miguel Barros de Aguiar, 70, e da sua mulher Julieta Barbosa, 42. Eles tentam recuperar duas casas antigas no bairro Piranga, construídas no início do século XX para abrigar funcionários da ferrovia. O casal comprou as casas em leilão, motivado pelas boas lembranças da lua-de-mel e dos 14 filhos que teve em uma delas, a Casa do Agente. "Com fé em Deus vou consertar essa casa. Ela faz parte dos melhores momentos da minha vida e dela só pretendo sair com a morte", disse Julieta.

Embora Juazeiro esteja com a sua história comprometida, a cidade conseguiu guardar o que tem de mais antigo: a imagem de Nossa Senhora das Grotas, de 1706, encontrada por um índio-vaqueiro. O cangaceiro Lampião, segundo disseram, era devoto da santa e, em respeito a ela, não entrava na cidade com o seu bando para fazer arruaças.

07-11-2001

EXPEDIÇÃO ENTREGA HOJE RELATÓRIO PARCIAL A EMBAIXADOR BRASILEIRO NA UNESCO

PAULO AFONSO (BA) - O relatório parcial dos trabalhos da Expedição Engenheiro Halfeld pelo rio São Francisco deverá ser entregue hoje ao embaixador brasileiro junto à Unesco, José Israel Vargas, em Paris. O presidente da Federaminas, Arthur Lopes Filho, já se encontra na França para audiência de entrega do documento.

Para o coordenador da campanha São Francisco Patrimônio Mundial, jornalista Américo Antunes, o envolvimento da delegação de Paris nesse processo será fundamental na tramitação da proposta de inscrição dos acervos culturais, arquitetônicos e ambientais do São Francisco junto à Unesco, que tem uma equipe técnica que acompanha todas as demandas brasileiras. É um órgão decisivo, na sua opinião, por se tratar da delegação que participa de assembléias, reuniões, encaminhamento dos pedidos e que faz todas as gestões necessárias ao projeto.

O presidente da Federaminas também vai discutir com a Unesco um esquema de acompanhamento da tramitação de todo o processo de tombamento dos bens, principalmente do dossiê que deverá ser entregue no próximo ano. Arthur Lopes está fazendo gestões junto ao governo brasileiro para formalização da candidatura dos acervos do "Velho Chico" ainda este ano. Depois disso, terá até 1o de fevereiro de 2003 para apresentação do dossiê.

Com base no que já foi levantado pela expedição desde 15 de outubro - quando deu início à sua cruzada, em Pirapora (MG) - Américo Antunes concluiu que deve ser apresentado um programa de recuperação e proteção dos acervos culturais do São Francisco. "Um programa que represente um projeto de educação dos poderes públicos, municipais e estaduais, para que adotem legislações de proteção ao patrimônio histórico. É preciso um programa de municipalização do patrimônio histórico que dote as cidades de instrumentos para a preservação de seus bens."

Sem a adoção de programas de proteção e recuperação dos acervos, na avaliação de Américo Antunes, restarão poucos bens a serem oferecidos à Unesco. "Isso vai ser um requisito para nós, no ano que vem, para elaboração do dossiê. O que se encontrou, apesar da diversidade cultural e importância histórica, são bens em geral pouco protegidos. Ou aqueles que estão protegidos e não estão inscritos no patrimônio histórico brasileiro. Ou seja, eles estão protegidos de fato, mas não de direito", acrescentou.

Outra questão levantada é o problema da regularização fundiária dos acervos naturais, como os parques. É o caso do Vale do Peruaçu e da Serra da Canastra, em Minas Gerais, que dependem, ainda, de um plano de

manejo. De acordo com o pesquisador de rotas históricas Márcio Santos, integrante da expedição, é fundamental o envolvimento das comunidades locais na proteção da grande riqueza histórico-cultural existente ao longo do Vale do Rio São Francisco. Ele aponta duas sugestões concretas, que têm sido enfatizadas nos contatos com as populações ribeirinhas, que são a criação de conselhos municipais de defesa do rio e do seu entorno e a fiscalização rigorosa, por meio do Ministério Público, da ocupação das margens do São Francisco.

"Uma iniciativa pioneira, tomada recentemente pelo Ministério Público de Minas Gerais, foi a criação da Promotoria de Defesa do São Francisco, que conta com cinco promotores dedicados exclusivamente à questão. Trata-se de um bom exemplo que poderia ser seguido pelos demais estados banhados pelo rio", concluiu Márcio Santos.

08-11-2001

PROMOTORIA DO MEIO AMBIENTE VAI PROTEGER BACIA DO SÃO FRANCISCO

JUAZEIRO - O "Velho Chico" poderá contar com mais um mecanismo de proteção contra crimes ambientais no seu percurso baiano. A exemplo do que ocorreu recentemente em Minas Gerais, o Ministério Público e entidades ambientais da Bahia estão se articulando para a criação da Promotoria Especial do São Francisco, que concentrará todas as ações de monitoramento e fiscalização do leito do rio e de seu imenso patrimônio histórico. A intenção é que o movimento se alastre, alcançando os outros três estados que compõem a bacia hidrográfica - Pernambuco, Alagoas e Sergipe.

Na Bahia, a articulação parte de Juazeiro. Em dezembro próximo, informa o consultor de meio ambiente Crispim Ribeiro, a cidade vai sediar o primeiro fórum de discussões para a implantação da Promotoria Especial no estado, reunindo o coordenador das Promotorias de Meio Ambiente da Bahia, Heron José de Carvalho, o procurador de Justiça Jarbas Soares Júnior, idealizador do projeto mineiro e recém nomeado promotor especial do São Francisco, além dos representantes das comarcas baianas.

"Para que a integração com os outros três estados se viabilize de maneira mais rápida, vamos convidar também para as discussões as procuradorias gerais de Pernambuco, Alagoas e Sergipe, e esperamos contar com pelo menos um representante de cada estado", diz Crispim Ribeiro. Mineiro de Conselheiro Lafayete e ex -assessor de Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de Juazeiro, Crispim Ribeiro participou ativamente do processo de discussões para a implantação da Promotoria Especial de Minas Gerais e defende que na Bahia seja implementado um modelo similar.

Em Minas Gerais, cada uma das sub-bacias do São Francisco possui um promotor para atuação específica nas questões de meio ambiente, que são prioritárias, e de patrimônio histórico do rio, sob uma coordenação central, sediada em Belo Horizonte. Para executar o trabalho, a Promotoria Especial do São Francisco já assegurou R\$ 3,5 milhões oriundos do Projeto de Revitalização do Rio São Francisco, lançado no mês passado pelo governo federal, sendo R\$ 1,5 milhão para este ano.

Com os recursos, informa Jarbas Soares Júnior, o Ministério Público mineiro vai equipar as promotorias das sub-bacias, com a aquisição de imóveis próprios e equipamentos para que possam estar atuando de maneira efetiva em um ano.

Na avaliação do consultor Crispim Ribeiro, os principais problemas que afetam o leito do "Velho Chico" no trecho baiano são escoamento de esgoto, depósito de lixo e ocupação da faixa de preservação permanente (500 m a partir das margens do rio). Esses problemas, no entendimento do consultor, podem ser resolvidos pelos municípios, que têm à sua disposição recursos provenientes de entidades internacionais e do governo

federal para a execução de projetos de recuperação.

"Para meio ambiente não faltam recursos. O Banco Mundial, por exemplo, destina recursos ao Fundo Nacional de Meio Ambiente, acessíveis aos municípios desde que se capacitem, se estruturarem para receber a verba. Da mesma forma a Agência Nacional das Águas (Ana) incentiva, através de subsídios, os municípios que tratam seu esgoto e antecipa recursos às cidades para a construção das estações de tratamento", assegura.

No entanto, acrescenta Crispim Ribeiro, o dinheiro não chega aos municípios, por falta de vontade política dos administradores. "Com uma ação mais efetiva do Ministério Público, unificando procedimentos, esses prefeitos que se omitem na questão ambiental poderão, inclusive, ser indiciados civil e criminalmente", destaca. O consultor diz acreditar que pressão da sociedade, através do Ministério Público, será suficientemente poderosa para modificar o quadro de abandono do rio, mas prega ainda a criação de um código ambiental específico para o São Francisco, com a unificação das leis ambientais dos cinco estados, válidas ao longo da bacia.

09-11-2001

PRIMEIRO VAPOR DO SÃO FRANCISCO FOI TRANSFORMADO EM PIZZARIA EM JUAZEIRO

JUAZEIRO (BA) - Canteiro central da Rua Juvêncio Alves. É esse o endereço fixo do vapor Saldanha Marinho, que inaugurou a navegação no rio São Francisco em 1871, ao sair da Quinta do Sumidouro, hoje no município de Pedro Leopoldo (MG), pelo rio das Velhas, e alcançar a Barra do Guaicuí, atual distrito da cidade mineira de Várzea da Palma. Com casco e pintura bem preservados, fruto de trabalho de restauração executado na década passada, o Saldanha Marinho abriga um restaurante na orla fluvial de Juazeiro há quase 30 anos. Nos cinco últimos, para o desespero dos juazerenses mais tradicionais, servindo prioritariamente à clientela autênticas pizzas italianas, nas 19 mesas dos dois níveis do restaurante Vaporzinho da Francesco Pizzaria.

Desativado após naufragar em região próxima a essa cidade, em 1943, o Saldanha Marinho passou vários anos no esquecimento dos estaleiros da Companhia de Navegação do São Francisco (Franave). Em 1971, nas comemorações do centenário de seu histórico feito, foi restaurado e transferido para a orla de Juazeiro, em um acordo entre a empresa e a prefeitura, onde deveria sediar o Museu da História da Navegação do São Francisco e uma pequena sorveteria.

No entanto, conta Maria Izabel Muniz Figueiredo, a dona Bebela, filha de um de seus ex-comandantes, Francisco Evaristo Caboclo Figueiredo, o projeto não vingou, em função de mudanças na administração municipal, e o vapor foi transformado, num processo de concessão pública à iniciativa privada, em um restaurante. "Mas uma das exigências para a concessão era que fossem servidos pratos típicos da região do São Francisco, como forma de preservar nossa cultura, mas a regra só foi obedecida em um pequeno período", revela dona Bebela. Hoje o vapor pertence a Bahiatursa, estatal do turismo baiana, e a prefeitura de Juazeiro tenta recuperar a posse, para que a exigência inicial seja cumprida.

O gerente da Francesco Pizzaria, titular da concessão do vapor, Edson Brás Tarcitano, informa que o restaurante está ampliando o número de pratos e já serve no Vaporzinho, há cerca de dois anos, opções diversas de pizza. De fato, no cardápio constam, além das nove qualidades de pizza e das 10 de massa, sete pratos com surubim, peixe típico do São Francisco. Porém, as opções da culinária barranqueira param por aí e a cozinha oferecida se estende a pratos de tilapia, frutos do mar, frango e filé.

História

Após sua estréia na navegação, em 1877, o vapor Saldanha Marinho foi fretado pela Companhia Cedro Cachoeira, para transportar os tecidos da empresa. Ele recebia os tecidos nos portos de Gameleira e de Barra do Paraúna, no rio das Velhas, e os transportava ao longo do São Francisco até Juazeiro. No retorno,

levava passageiros e algodão. O Saldanha Marinho e o Benjamim Guimarães, em restauração na cidade de Pirapora (MG), são os únicos vapores remanescentes dos áureos tempos da navegação do "Velho Chico". O São Salvador, já bastante deteriorado, está também em Pirapora, mas já foi vendido como sucata a um depósito de ferro velho.

10-11-2001

EXPEDIÇÃO REGISTRA O TRABALHO DOS ARTESÃOS EM PETROLINA E BARRA

PETROLINA (PE) - Fundada há 12 anos por um grupo de 40 artesãos que se mobilizou na cidade por um espaço para trabalhar e expor sua arte, a Oficina do Artesão Mestre Quincas abriga hoje, em imóvel próprio, o trabalho de 70 artistas, com peças de variados estilos - esculturas em madeira, papel marché e barro, carrancas, móveis rústicos, redes, almofadas e colchas. "O objetivo da oficina é preservar a cultura nordestina e simultaneamente ser instrumento da profissionalização dos artistas, que aqui estão a salvo dos atravessadores e podem comercializar com liberdade o seu trabalho", explicou aos viajantes da Expedição Engenheiro Halfeld o mais famoso artesão de figuras sacras da região, Roque Gomes da Rocha, o Roque Santeiro.

Roque Santeiro montou seu ateliê na oficina há apenas cinco anos, mas desde o início do empreendimento expõe e vende ali o seu trabalho. Autodidata, o artesão disse que aprendeu a sua arte por desemprego e precisão. "Aqui no nordeste é assim, a falta de recursos faz com que o povo tenha de usar a criatividade para sobreviver. Por isso doamos ao resto do país tantos artistas e humoristas", destacou.

Santeiro também é mestre. Seletivo, passou a sua arte somente para seis felizardos. Atualmente ensina ao jovem José Ernesto que saiu de Aliança, na Zona da Mata pernambucana, especialmente para aprender a arte de esculpir em madeira. A Prefeitura de Aliança pagou a passagem e a estada em Petrolina, e Santeiro faz de graça o papel de professor.

Mesmo admitindo que o forte de sua produção são as imagens sacras, talhadas em madeira, o escultor fez questão de ressaltar que o que lhe dá prazer é soltar a sua imaginação para criar formas novas, que "ninguém fez antes". Gosto também de esculpir mulheres em movimentos eróticos e peças ligadas à cultura do nordeste ", acrescentou.

Com 25 anos de carreira, Roque Santeiro já conquistou clientela nas principais capitais brasileiras, na Europa, principalmente Alemanha, e no Japão. Na Oficina do Artesão, as peças do escultor são vendidas a preços que variam de R\$ 250 a R\$ 10 mil. Quando recebeu a equipe da Expedição Engenheiro Halfeld, no último dia 5, Santeiro moldava na madeira uma imagem de São Miguel Arcanjo que seria vendida a um general de Brasília por R\$ 3 mil.

A oficina abriga os trabalhos de carranqueiros respeitados em todo o Vale do São Francisco. O mais antigo carranqueiro de Petrolina, Severino Borges de Oliveira, o seu Bitinho, de 61 anos, é um deles. Vende toda a sua produção logo que chega com as peças no espaço. Natural da cidade de Itaipu, no Rio Grande do Norte, mudou-se há 30 anos para Petrolina, quando se iniciou na arte das carrancas. "Comecei justamente na

explosão das carrancas, nos idos de 1970. Naquela época, a carranca deixou de ser apenas um símbolo das embarcações para virar peça de decoração e a procura aumentou", lembrou.

Ana Leopoldina Santos Lima, a popular Ana das Carrancas, também montou na Oficina do Artesão Mestre Quincas o seu ateliê. A artista faz em barro o seu trabalho que "já atravessou o oceano levando a cultura regional do São Francisco além das fronteiras

brasileiras", conforme destaca folder distribuído aos visitantes. A Oficina dos Artesãos funciona em imóvel comprado com recursos do Ministério da Cultura. A Prefeitura Municipal de Petrolina cede aos artesãos funcionários e se responsabiliza pelos serviços de água e energia. Cada artista da oficina doa 5% de seu total de vendas para ajudar a manter o empreendimento.

11-10-2001

EXPEDIÇÃO DESCOBRE OS VAQUEIROS NORDESTINOS, HERÓIS ANÔNIMOS DO SERTÃO

CURACÁ (BA) - Imagine uma noiva que ao invés de vestido branco se "encoura" com gibão, perneira, guarda-peito, luvas e chapéu, tudo em couro, que nem precisa apeiar do cavalo para responder "sim" ao padre. Parece uma cerimônia inusitada, mas essa tem sido a escolha de algumas vaqueiras de Curaçá, no extremo Norte da Bahia, por onde passou a Expedição Engenheiro Halfeld.

Desde 1959, a cidade conta com a Sociedade dos Vaqueiros de Curaçá. Segundo o seu presidente, Theodomiro Mendes Filho, os casamentos têm acontecido durante a tradicional festa do primeiro final de semana de julho, atraindo não só vaqueiros da Bahia, como também de Pernambuco e Sergipe.

No último casamento, que aconteceu na praça da igreja, Theodomiro disse que os noivos passaram por um corredor formado por 1.500 vaqueiros, todos com roupas típicas, que até o padre improvisou um chapéu de couro na sua indumentária. Na cidade, os vaqueiros são considerados "heróis anônimos do sertão". São eles que correm na caatinga estorricada em busca do boi desgarrado, sem temer os espinhos e o calor que chega a 40 graus.

Em época de seca como agora, que falta capim para alimentar a boiada, também cabe ao vaqueiro cortar mandacaru, queimar os espinhos e alimentar os animais. De acordo com Theodomiro, o objetivo da Sociedade dos Vaqueiros é resgatar e preservar a figura desse profissional nordestino, que trabalha sem salário e tem como recompensa um a cada três animais que nascem. Por mês, os 1.000 vaqueiros associados pagam mensalidade de R\$ 1. "Escola para ser vaqueiro não existe, está no sangue, passado de pai para filho. Conseguimos com o governo da Bahia cursos de alfabetização para vaqueiros adultos. Os vaqueiros também dispõem de um trator", disse Theodomiro.

Na cidade também é comum o batizado de vaqueiros adolescentes, quando os mais experientes testam a capacidade dos mais jovens. Curaçá também se destaca pelo bom estado de conservação de seu casario do século XIX, embora o diretor do departamento de cultura Fernando Antônio Ferreira tenha informado que muitas das fachadas sofreram modificações. "Muitas casas antigas já receberam azulejos, tirando toda a estética do estilo colonial do casario."

A Paróquia de Bom Jesus da Boa Morte, construída no século XIX, está em bom estado de conservação. O Teatro Raul Coelho, construído há mais de 100 anos, segundo Fernando, teve o seu interior modificado, mas a fachada é original. Na praça, em frente, foi construído um teatro de arena. A secretária municipal de Educação e Cultura, Juscelita Rosa Soares Ferreira de Araújo, disse que os prédios históricos da cidade

começaram a ser construídos a partir de 1843.

Curaçá conta, ainda, com povos remanescentes das tribos indígenas que no passado viveram na região. Eles se identificam como tumbalalá, tomam chá de jurema e dançam o ritual do toré para invocar os espíritos. "Eles estão lutando pela sua identidade como povo indígena e delimitação de terras", informou Juscelita.

Em Curaçá, as águas do rio São Francisco são de um azulturquesa impressionante. No meio, a ilha da coroa, um dos pontos mais cobiçados pelos banhistas, sede de torneios de vôlei, campeonatos de natação e palco para shows. A gruta de Patamuté, a 72 km da cidade, é local de romarias. No distrito de Poço de Fora, pinturas rupestres são de grande valor arqueológico. A cidade também criou o Projeto Ararinha-Azul para proteção da ave ameaçada de extinção em todo o planeta.

RIO DE BORDO COLUNA 7 de 13-11-2001

EXPEDIÇÃO DOCUMENTA 16 CACHOEIRAS NO CÂNION DO RIO SÃO FRANCISCO

PAULO AFONSO (BA)/PIRANHAS (AL) - A sensação é de estar em um pequeno barco de papel quando se navega pela imensidão dos cânions do rio São Francisco entre Paulo Afonso (BA) e Piranhas (AL). Os paredões atingem a altura de um prédio de 12 andares. Em determinados pontos, o "Velho Chico" faz lembrar um lago de degelo suíço, impressionando pela transparência e o verdeoliva das suas águas.

Parece miragem. Um oásis no meio da caatinga estorricada. Lugar aprazível de fazer abrir os olhos como o diafragma de uma lente, como se isso aumentasse o registro na memória daquilo é impossível guardar por completo em uma fotografia.

A equipe da Expedição Engenheiro Halfeld - que saiu em 15 de outubro de Pirapora (MG) com destino à foz do rio São Francisco, em Alagoas - fez, em barco pequeno, o trajeto de Santa Maria da Boa Vista (PE) a Piranhas (AL), percorrendo um trecho não-navegável por embarcações maiores. Até Paulo Afonso, foram 16 cachoeiras. Para tal façanha, só mesmo com a experiência de quem já passou 58 anos da vida navegando por esse trecho, o barqueiro Antônio Pereira da Silva, 75. Quando o rio se divide em quatro braços, com corredeiras, muitas vezes ele indica o canal mais estreito, com a confiança de que ali a profundidade é maior, sem riscos de acidentes.

Ao longo da viagem, seu "Antônio de Bida", como é conhecido, se emocionou ao passar por cima da cidade velha de Petrolândia (PE), inundada há anos com a construção da barragem de Itaparica. De tão transparentes as águas, foi possível perceber que o barco estava parado a pouco mais de um metro da laje de um sobrado, de dois andares, dando para avistar a escada que levava aos quartos. Mais adiante, parte da torre da igreja está do lado de fora.

"Eu navegava de Petrolândia para Juazeiro, na Bahia, transportando mercadorias. Eu conhecia bem a cidade desde 1942, de fora a fora, mas não cheguei a morar nela. Era uma cidade um pouco pequena, mas com muitas casas antigas. Tinha o cais, onde o povo tomava banho. As mulheres eram muito elegantes. Era tudo do bom e do melhor. Uma cidade bonita. Eu gostava muito de ir à casa de comércio do Manoel Euvídio", recordou o barqueiro, dando gargalhadas quando perguntado dos seus romances na cidade submersa. E foram muitos, confessa.

Da hidrelétrica de Paulo Afonso a Canindé do São Francisco (SE) são 49 km e nove metros de cânions. Tal exatidão só é possível graças ao GPS, um sofisticado aparelho do tamanho de um telefone celular, alimentado por duas pequenas pilhas alcalinas e monitorado por satélites. Ele mede a altitude em relação ao mar, latitude, longitude, velocidade do barco, tempo, entre outras facilidades que substituem o tradicional método de navegação no rio São Francisco.

Às margens do rio, 35 gaiolas em malhas de aço chamaram a atenção da equipe Engenheiro Halfeld. Eram da Associação Malhada Grande para criação, em cativeiro, de tilápias. Segundo um dos proprietários, Edmilson Pereira, 35, os alevinos com 2,5 g vêm de Própria (SE) e Recife, produzidos em laboratórios. No rio, eles são colocados em bolsões de malha de 6 mm, onde ficam dois meses, e depois em gaiolas com malha 17 mm. Aos cinco meses, estão prontos para o abate, pesando de 800g a 1kg. A produção, que chega a 20 toneladas por ano, tem como principal destino o Ceará e Pernambuco, custando R\$ 2,30 o quilo.

A tilápia não é um peixe nativo do rio São Francisco, mas, segundo Edmilson, é o que melhor se adapta à ração utilizada, à base de soja e milho.

14-11-2001

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS RAROS SE DETERIORAM E PODEM DESAPARECER NO SÃO FRANCISCO

CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO (SE) - A história dos primórdios da ocupação humana no Vale do São Francisco pode se perder, caso o governo brasileiro não tome medidas de proteção dos sítios arqueológicos, localizados às margens do "Velho Chico". Em 29 dias de viagem, os pesquisadores da Expedição Engenheiro Halfeld encontraram verdadeiras preciosidades em terraços de enterramento (cemitérios) e sítios de registros gráficos (pinturas rupestres). Entretanto, a maioria deles encontra-se em propriedades privadas e a falta de uma medida de proteção tem ocasionado a sua depredação. Em Canindé do São Francisco, arqueólogos da Universidade Federal do Sergipe querem a criação de uma área de proteção, entre os municípios de Paulo Afonso (BA) e a represa de Xingó, adentrando cerca de 60 km a partir das margens, para a preservação de 200 sítios com pinturas rupestres, datados entre 1,2 mil e 9 mil anos. Esses sítios podem desaparecer, em curto espaço de tempo, devido à ação de seus proprietários que cortam os matacões para a produção de paralelepípedos.

"Queremos uma medida legal que não permita que os sítios sejam destruídos e, através de um projeto eficiente de desenvolvimento da atividade turística, proporcione retorno financeiro para seus proprietários e comunidade", destaca a arqueóloga Maria Cleonice Vergne, gerente do Museu de Arqueologia de Xingó e integrante, desde 1988, do Projeto de Salvamento Arqueológico da Universidade Federal de Sergipe (UFSE). A arqueóloga faz questão de frisar que defende a manutenção da propriedade dos sítios com os atuais donos, mas sob a coordenação do centro museológico. "Estamos preparados não só para a pesquisa, mas também para dar subsídio ao desenvolvimento turístico", assegura.

Com recursos da Prefeitura Municipal de Canindé, os pesquisadores do museu desenvolveram um projeto piloto, preparando cinco sítios para a visitação pública. Foram construídas passarelas que permitem a visita monitorada de turistas, conforme puderam constatar os viajantes da Expedição Engenheiro Halfeld. Maria Cleonice sustenta que a infra-estrutura para os outros 185 sítios deveria ser financiada pelas prefeituras dos municípios onde estão localizados. "Mas até agora, só conseguimos sensibilizar Canindé do São Francisco. Ainda aguardamos resposta da prefeitura de Piranhas e o prefeito de Paulo Afonso foi taxativo - só investe em projetos de incentivo à pesca. O turismo para ele está descartado", informa.

Já o coordenador da campanha São Francisco Patrimônio Mundial, o jornalista Américo Antunes, afirma que vai solicitar ao governo brasileiro a criação de uma nova medida de proteção para os sítios arqueológicos. "Vamos sugerir ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e ao Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (Ibama) a criação de uma nova categoria de proteção - a área de preservação arqueológica, aos moldes das áreas de proteção ambiental (Apa's) já existentes", explica.

Para que isso aconteça no Vale do São Francisco, condiciona o jornalista, é preciso que haja um trabalho coordenado de todos os centros de pesquisa que estudam os sítios desde a nascente, na Serra da Canastra (MG), até a foz do rio, em Piaçabuçu (AL). "O trabalho coordenado é fundamental para o resgate histórico do início da ocupação humana na América do Sul", opina.

O Museu de Arqueologia de Xingó foi inaugurado em maio de 2000, como um projeto da UFSE, financiado com recursos da Petrobrás. Possui em seu acervo 55 mil peças retiradas de 41 sítios submersos pela represa de Xingó. Entre as mais significativas estão 198 casulos dos sítios de enterramento do Justino (SE) e São José II (AL), contendo esqueletos humanos, cuja datação está em levantamento por um laboratório estrangeiro.

15-11-2001

EXPEDIÇÃO CHEGA A PIRANHAS

PIRANHAS - Na chegada ao município alagoano de Piranhas, os viajantes da Expedição Engenheiro Halfeld avistaram uma das mais belas paisagens de todo o seu percurso. Um conjunto de montanhas entrecortado por edificações antigas e, ao fundo, as cristalinas águas do "Velho Chico", que aqui são de um azul inusitado. Além da beleza natural, a cidade guarda um sem número de histórias sobre o cangaço. Na vizinha Poço Redondo (SE), está a Grota do Angico, onde Lampião, Maria Bonita e outros nove integrantes do bando foram mortos e decapitados e as cabeças trazidas a Piranhas e expostas nas escadarias da prefeitura.

O núcleo histórico da cidade é composto por 902 edificações bem preservadas, entre igrejas, prédios públicos, marcos e casarões. Predomina o estilo neoclássico, mas ainda é possível encontrar exemplares da arquitetura colonial, remanescentes do início do povoamento, no século XVIII. Piranhas está se preparando para preservar seu acervo. O diretor de Turismo da Secretaria Municipal de Cultura, Jairo Luiz Oliveira, informa que já existe na cidade uma lei municipal de proteção ao patrimônio histórico. Todas as edificações antigas estão tombadas pelo município, constam de um dossiê de descrição arquitetônica e aguardam o tombamento pelo estado de Alagoas.

A construção mais antiga é a Igreja de Santo Antônio, localizada na cidade velha. A pequena capela foi erguida ainda no final do século XVIII, e a partir dela o povoado se desenvolveu, tornando-se a Vila de Piranhas em junho de 1887. De estilo colonial, a igreja conserva uma imagem original em madeira de Santo Antônio.

Mais recente, a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Saúde possui estilo neoclássico e sua fundação ocorreu em 1890. Dizem os moradores que foi construída por engenheiros ingleses. O templo, apesar do bom estado de conservação da pintura e estrutura, não possui mais a imagem original de Nossa Senhora da Saúde, padroeira da cidade, que foi substituída por outra de gesso. Mas preserva uma maravilhosa imagem, em madeira, de Santa Cecília.

O prédio da antiga Estação Ferroviária é um dos mais belos e expressivos exemplos do patrimônio histórico da região. Bem preservado, abriga o Museu do Sertão que, mesmo com um acervo modesto, de fotos e objetos do cangaço, denota toda a organização da comunidade. As peças estão bem catalogadas e um guia está sempre no local para prestar todas as informações sobre as histórias da cidade e do cangaço aos visitantes.

Dois marcos comemorativos - um da passagem do século XIX para o XX e outro do século XX ao XXI - e um casario delicado completam a paisagem da cidade, que já serviu de cenário para filmes como Bye Bye Brasil.

No marco da última virada de século, os viajantes ainda conseguiram introduzir, antes do fechamento de uma caixa de concreto que só será aberta daqui a 100 anos, uma cartilha e um boné da Expedição Engenheiro Halfeld, com mensagens sobre o rio São Francisco.

A fotógrafa Roberta Guimarães espera que os objetos sobrevivam e possam informar a gerações futuras sobre a aventura dos expedicionários ao longo do "Velho Chico". "Mais importante ainda é que o azul cristalino do rio esteja preservado e que o São Francisco permaneça como fonte de vida e alegria para os brasileiros", diz Roberta.

16-11-2001

MUSEU DE PIRANHAS EXIBE IMAGENS DO COTIDIANO DOS CANGACEIROS

PIRANHAS (AL) - Através das lentes do fotógrafo árabe Abrão Benjamim é possível vivenciar um pouco da história e intimidade entre o cangaceiro Lampião e a sua companheira Maria Bonita. As fotografias fazem parte do acervo do Museu do Sertão, em Piranhas, por onde passou, essa semana, a Expedição Engenheiro Halfeld.

Nas fotografias, Maria Gomes de Oliveira parece fazer jus ao apelido de Bonita, mais pela elegância que aparentava ter. Ela aparece servindo talagada (cachaça) ao bando, grávida e em trajes civis, escolhendo correntes de ouro e sabonetes, sentada, de pernas cruzadas, afagando a cabeça de seus cães de estimação, Guarani e Ligeiro. Ao lado, na mesma fotografia, Lampião, em pé, folheando a revista Noite Ilustrada, a sua preferida.

O museu também retrata o massacre dos cangaceiros, em 28 de julho de 1938, na Grota de Angicos, em Poço Redondo (SE) O casal e outros nove integrantes do bando foram assassinados pela polícia volante, tendo as cabeças decepadas e expostas na escadaria da Prefeitura de Piranhas, prédio hoje conhecido por Palácio Dom Pedro II por ter hospedado o imperador em visita à cidade. Dos objetos pessoais dos cangaceiros, o museu dispõe apenas de uma perneira de Lampião, em couro, usada para se livrar dos espinhos da caatinga e ataques de cobras, além de um cantil para cachaça, alforje para água e duas bolsas em tecido bordado, réplicas das usadas na época pelos cangaceiros.

Piranhas também conta com uma memória viva do cangaço. Trata-se do ex-integrante da polícia-volante Josias Valão dos Santos, 81, que nasceu, foi criado e continua morando na cidade. Ele conta que ouviu falar de Lampião ainda menino. "Era só ouvir falar dele, que seu bando estava chegando, a três léguas, que a gente tremia das pernas. A minha família atravessava o rio São Francisco para ir se esconder do outro lado, em Sergipe", disse Josias, que justifica a sua não participação no massacre de 1938, contra os cangaceiros, por estar doente do pé, "ou com medo de morrer mesmo", conforme admite.

"As 11 cabeças chegaram em Piranhas em canoas. Elas foram apanhadas pelos cabelos e levadas para a prefeitura, jogadas ao chão feito coco. O povo da cidade ficou assombrado", informou o ex-volante. "Apanhei as cabeças, que estavam debaixo de uma gameleira, e as levei para a escada da prefeitura, onde foram fotografadas."

A expedição também visitou alguns locais usados como esconderijo pelo bando de Lampião. Em Paulo Afonso (BA), a Gruta do Morcego, onde fica hoje a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf), e o Raso da Catarina, a 70 km da cidade.

Raso da Catarina

O raso, local bastante árido e de temperatura que chega a ultrapassar os 40 graus, ganha vida com a beleza de seu cânion de 12 km de extensão. É impressionante as formações rochosas esculpidas ao longo dos anos pelos ventos, detalhe para o Dedo de Deus.

Um local inóspito, cenário de extrema beleza, palco do filme pernambucano "Baile Perfumado". No lugarejo de Baixa do Chico, na entrada do raso, dez famílias descendentes dos índios Pankararés sobrevivem com a água de um poço artesiano, cuja bomba é movida a óleo diesel. São 6.400 quilômetros quadrados de sequeidão. A macambira, vegetação que aparenta um abacaxi, é queimada para alimentar os animais. A caatinga é primária, colorida pela vermelhidão das flores de alguns cactos.

Descendo o São Francisco, a expedição passou, ainda, pela Grota do Anjico, em Poço Redondo (SE), local do massacre que vitimou Lampião, Maria Bonita e outros nove cangaceiros. Por ano, 14 mil pessoas visitam o local, desembarcando na Praia da Forquilha, em Canindé do São Francisco, passando por uma trilha de 680 metros no meio da caatinga primária. São muitos os juazeiros, única vegetação que se mantém verde com a seca, usada pelo bando de Lampião para escovar os dentes e lavar os cabelos com a raspa de seu fruto.

17-11-2001

CARÇA DA LUZITÂNIA FAZ VELHO BARQUEIRO REVIVER ODISSÉIA

PÃO DE AÇÚCAR (AL) - Quem passa de barco pelo lugarejo de Mato da Onça, no município alagoano de Pão de Açúcar, é de avistar a carcaça de uma barca aparentemente esquecida nas margens do rio São Francisco. Difícil é imaginar a riqueza histórica que aquele destroço representa para o "Velho Chico". Trata-se da Luzitânia, uma barca de tolda, com duas velas, 14 metros de comprimento e três de largura, modelo que corre o risco de sumir por completo dessa paisagem, assim como os vapores. Igual a ela existe apenas uma outra, em Própria (SE), que foi restaurada e hoje faz o transporte de lenha e carvão.

A passagem da Expedição Engenheiro Halfeld pelo lugarejo marcou o encontro de dois amigos e ex-colegas de trabalho na Luzitânia: Pedro Gonçalves Lima, 76, comandante da barca Cédila Denize - que transporta parte da equipe da expedição - e Abel Rodrigues da Graça, 67, morador da barca. Emocionados, os dois relembrou os carregamentos que faziam de madeira e carvão para fogões à lenha, mourões para currais, esteiras, cocos e louças. Lembranças, também, das carraspanas e folias com mulheres "desocupadas".

Abel mora no convés da Luzitânia e está feliz com a venda da embarcação, por R\$ 4 mil, ao Projeto Canoa de Tolda, que pretende restaurá-la. O trabalho será árduo, diante dos estragos, mas como disse o Mestre Pedro, "é como sapato furado, faz meia sola e anda." A Luzitânia está parada há dois anos. Mais parece uma peneira devido à ação dos buzanos, espécie de cupim d'água que na fase adulta atinge o tamanho de um dedo da mão e vai comendo a madeira de fora a fora, em seu sentido horizontal.

A caverna, que seria a espinha dorsal da barca, é feita com raízes de braúna. O revestimento, cujas madeiras têm formas variadas e encaixadas feito quebra-cabeça, é de pau d'arco. Embora as madeiras sejam resistentes, nada é imune à ação dos buzanos, segundo Mestre Pedro.

Para quem nunca viu de perto uma barca de tolda, é possível imaginar a sua beleza com o artesanato de Fernando Rodrigues dos Santos, 73, morador da localidade de Ilha do Ferro, também pertencente a Pão de Açúcar. Na proa, uma das velas e a tolda. Na popa, o convés. No meio, no caso da Luzitânia, espaço para até 12 toneladas de mercadoria. As duas velas são controladas pelo moitão, como chamam a roldana. Mestre Pedro não sabe a idade da barca, mas garante que tem mais de 76 anos. "Já existia há muitos e muitos anos quando eu nasci", informou. O seu amigo Abel aguarda ansioso pela recuperação da Luzitânia, de onde pretende sair somente quando não tiver mais forças para subir a prancha. "Ainda quero dar muitas bordadinhas pelo São Francisco", disse Abel. A Agência Fluvial de Penedo (AL) informou que não há registro da data de fabricação da Luzitânia, por ser muito antiga.

Passando pela cidade de Própria, a expedição localizou a barca Daniela - antiga Presidente Vargas - que é a

única de tolda navegando no São Francisco. Ela está em bom estado de conservação, mantendo a tradição no transporte de lenhas e carvão, agora não para os fogões domésticos, como antigamente, mas para churrasqueiras, padarias e pizzarias. José dos Santos, 46, a adquiriu há 13 anos e também não sabe precisar a idade da embarcação. "Muito mais de 70 anos", disse. "Há muitos anos existiam umas 300 dela no São Francisco. Agora, só a minha", disse, orgulhoso. Há seis anos, uma outra, a Paladina, naufragou. A barca Daniela mantém as madeiras originais: pau-d'arco, cedro, maçaranduba, ouro-canela e jatobá. O estrado é feito com pequenas tábuas soltas, encaixadas. As cavernas, assim como as da barca Luzitânia, são de raiz de braúna.

Enquanto embarcações do Velho Chico morrem com as suas histórias, outras vão surgindo, mas não com tanto "glamour" como dantes. Em Pão de Açúcar, o carpinteiro Manoel Pinheiro, 41, aprendeu a fazer canoas só de olhar a arte de Mestre Pedro. "Ele me ensinou a fazer a buçada, que é a frente da canoa, e o chapuz, a traseira", contou o carpinteiro, mostrando os caibros de louro-canela e as cavernas de braúna, presas com parafusos de latão para evitar ferrugem. Tanta dedicação é para competir na maratona que tradicionalmente acontece em janeiro, na festa de Reis. O carpinteiro já venceu a competição por quatro vezes.

Em Pão de Açúcar, é grande a movimentação de canoas e barcas no rio São Francisco. Algumas delas têm aspecto de ônibus no transporte de passageiros para as cidades sergipanas de Propriá e Niterói. Esta, na outra margem do rio. Pão de Açúcar faz lembrar o Rio de Janeiro com o seu Cristo Redentor no topo de um morro, de braços abertos para o São Francisco. Mas o canal que leva as embarcações à cidade é tomado pelo lixo. A nata de podridão sobre o espelho d'água e o esgoto a céu aberto atraem urubus aos bandos.

A feira local é imperdível para visitação, com produtos tipicamente nordestinos. Detalhe para os modelos de sandálias em couro de bode, usadas por Lampião e Maria Bonita.

18-11-2001

POPULAÇÃO RECORDA COM SAUDADES DO ANTIGO POVOADO DO CABEÇO

CABEÇO (SE) - Quando chegou à foz do Rio São Francisco, em 1854, o engenheiro alemão Fernando Halfeld - autor do primeiro levantamento topográfico do "Velho Chico" - encontrou o povoado de Cabeço, cujas casinhas, segundo o seu relato, eram cobertas de palha de coqueiro, dispersas sobre a praia de areia.

Esta semana, 147 anos depois, a expedição que leva o nome do pesquisador completou o mesmo percurso e encontrou um povoado assim como ele o descreve, porém, não o mesmo. Aquela colônia de pescadores foi engolida pelo mar e 25 famílias ainda resistem em permanecer no local, se deslocando constantemente com as suas casas de pau-a-pique, à medida que o mar se aproxima.

O farol, que segundo os moradores tem 126 anos, ficava em terra, a 2 km da praia. Hoje, ele está a 200 metros mar adentro. Halfeld já predizia o futuro de uma possível construção de farol no local, em função do mar quase sempre agitado e a enorme quantidade de areia que anualmente descia com as águas do rio.

"Não será aconselhável construir-se um farol em lugar conveniente na presente época, porquanto, no espaço de 50 anos tal farol ficará provavelmente inutilizado, e seria mais acertado marcar a posição do baixo, na extremidade do lado ocidental da barra, com bóias", informava Halfeld em seu diário.

Hoje, a moradora Maria Adair dos Santos, 68, vive das recordações do antigo Cabeço, que há cinco anos ainda existia. "Tenho muita saudade. Foi embora o povo todo, as casas. O mar derrubando tudo de uma vez. E a gente não tinha o que fazer. Era pegar as trouxas e ir embora. E assim estamos vivendo a vida agora", lamentou Maria, dona de uma birosca, mostrando fotografias da casa onde criou os seis filhos, a praça, a igreja e o cemitério.

"Ah, o cemitério!", recorda: "Era grande, bem bonito, com um portão trabalhado. O mar veio e levou tudo. Os defuntos ficavam na costa aí, espalhados, os ossos, as redes, os caixões, sapatos, as cruzes. Eu tinha uma netinha lá." Para Maria, o São Francisco é a sua vida porque dele retira a água que bebe, o banho e os poucos peixes que come, esses cada vez mais escassos, segundo ela. "A gente fica aqui, na misericórdia de Deus. Acho que o rio que parou. A água afastou para lá e o mar avançou. Agora, por meio de quê eu não sei o que fizeram lá na barragem de Xingó. O mar vem avançando tem uns cinco anos, mas só foi de uns três anos para cá que ele avançou demais e demais, mesmo", preocupa-se Maria.

Antigamente, quando o mar vazava, ela disse que os moradores arrastavam pedras na tentativa de manter o farol em pé. "Agora, ele está naquele meio. A gente nem vai lá, de jeito nenhum. Veio um temporal do norte, derreou, ficou bem baixinho. Todo dia eu olhava e falava que amanhã ia cair. Vai, vai, vai e não vai.

Aí, passou dois meses, veio uma ventania do sul, de noite, quando a gente foi olhar e o farol já estava de pé de novo. Eu disse assim: Aquele não cai mais não. Ele se governou", disse Maria.

A Expedição Engenheiro Halfeld completou o seu trajeto pelo São Francisco em 32 dias - nos estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas - levantando os bens naturais, culturais e arquitetônicos a serem tombados pela Unesco. Na foz do "Velho Chico", a beleza de suas águas se confunde com a do oceano Atlântico. Imensas dunas e coqueiros tornam a paisagem paradisíaca, o que vem despertando a atenção de turistas de vários cantos do país. Na maré baixa, as águas claras do rio parecem apressadas em chegar ao mar, formando rasas corredeiras que mais parecem uma imensa banheira de hidromassagem. Para quem tem o privilégio, a sensação é de um mergulho numa taça de champanhe.

Um paraíso, dádiva de Deus na opinião do pescador e vendedor de cocos e doces Adeílson Dias Santos, 37. Ele mora em Piaçabuçu (AL) e desce o rio de canoa. Para ele, é um espetáculo da natureza observar, no cair da tarde, dois ou três casais de botos subindo o rio, até a Ilha da Criminosa, fazendo acrobacias. "Aqui eu me sinto mais perto de Deus", suspirou.

19-11-2001

FESTA E BOA ACOLHIDA EM PIAÇABUÇU

PIAÇABUÇU (AL) - A mesma banda de música que recebeu o imperador Dom Pedro II no município alagoano de Piaçabuçu, durante a sua visita em 14 de outubro de 1859, animou, na última quinta-feira, a chegada da Expedição Engenheiro Halfeld à cidade.

Ao som do pistom, saxofone, clarinete, trombone, bombardinho, barítono e outros instrumentos da Banda Euterpe São Benedito, alunos de 15 escolas da rede municipal marcharam pelas estreitas ruas da cidade, assim como nas paradas de 7 de setembro, usando trajes que representavam a riqueza da região: o coco, o arroz e a pesca.

O trabalho da expedição pelo tombamento dos bens naturais, culturais e arquitetônicos do "Velho Chico" - pela Unesco - foi homenageado com o hino de vitória tantas vezes ouvido pelo Brasil enquanto vivo o piloto de Formula-1, Ayrton Senna. O grupo Caçua fechou a festa tocando coco de roda, baião, xote, marchas juninas e apresentação de teatro, tudo ao som do pífaro, zabumba, triângulo e agogô.

Aproximadamente 500 pessoas seguiram a marcha pela cidade. Moradores idosos saíam às janelas para desejar boa sorte aos integrantes da expedição, apostando na salvação do rio que alimenta a vida de todos. Inesperadamente, a expedição recebeu as graças de Nossa Senhora Mãe de Deus, que surgiu carregada em um andor, acompanhada de dezenas de fiéis em procissão. A imagem pertence à cidade vizinha de Feliz Deserto. Todo ano, ela passa os meses de outubro, novembro e dezembro em Piaçabuçu, visitando os povoados do município e casas de devotos. Uma peregrinação que acontece há mais de 60 anos.

De acordo com o presidente da Banda Euterpe, João Ferreira da Silva, 72, o grupo já existia muito antes da visita de Dom Pedro II. "Isso consta nos anais do Museu de Petrópolis, no Rio de Janeiro, onde fala que o imperador foi recebido em Piaçabuçu por uma banda de música de rabecas e outros instrumentos", disse João. O imperador, muito emocionado com a calorosa recepção, segundo o presidente da banda, presenteou a Igreja São Francisco de Borja com uma custódia, relicário de ouro em que se expõe a hóstia consagrada.

O presidente da banda disse ter orgulho do trabalho da expedição porque o rio São Francisco foi o berço do seu nascimento. "Minha mãe trabalhava lá do outro lado do rio, em Sergipe, plantando arroz. Quando se aperreou, a parteira apareceu e falou que tinha que levá-la para Piaçabuçu, por aqui ela morava. A trouxeram em uma canoa. Só que no meio do rio eu nasci", contou João Ferreira.

Piaçabuçu, além de hospitaleira, é uma cidade alegre, onde várias gerações se reúnem à noite, nas praças, para tocar instrumentos musicais e cantar. Do seu cais é possível observar, à distância, o encontro do rio

São Francisco com o mar. Um lugar bonito, cenário das gravações do novo filme de Cacá Diegues, "Deus é Brasileiro", com o ator Antônio Fagundes.

Em 1854, o engenheiro alemão Fernando Halfeld, em expedição pelo São Francisco, descreve a "Villa de Piassabossú" assentada sobre uma planície baixa e areenta, tendo em sua retaguarda um extenso brejo, fala da igreja de São Francisco de Borja, uma capela de Santa Cruz e 359 casas, entre elas dois engenhos de fabricar açúcar e cachaça. O distrito pertencia à Delegacia de Polícia de Penedo, com 1.273 homens e 1.388 mulheres, livres, e 403 escravos de ambos os sexos. Na vila, o total era de 1.850 moradores. Hoje, a cidade conta com 16.500 habitantes.

20-11-2001

DIÁRIO DE BORDO COLUNA 19 de novembro de 2001

PENEDO MANTÉM ACERVOS ARQUITETÔNICOS EM EXCELENTE ESTADO DE CONSERVAÇÃO

PENEDO (AL) - Conhecer a cidade alagoana de Penedo é voltar um longo passo na história. Nos 2.192 km percorridos pela Expedição Engenheiro Halfeld, no Rio São Francisco, este é o lugar onde mais se encontra acervos arquitetônicos em estado de conservação invejável. Mas não é só isso. A cidade também se preza pelo espírito hospitaleiro e alegre de seu povo. No manhã do último sábado, a orla do Rio São Francisco foi tomada pelos moradores na chegada da nossa equipe. O festejo seguiu pelas ruas estreitas afora, animado pelo som de três bandas de música e bonecos gigantes. O secretário municipal da Cultura, João Moraes Lopes, elogiou o objetivo da expedição de levantar todos os bens naturais, culturais e arquitetônicos do Rio São Francisco para tombamento pela Unesco.

Dentro das comemorações dos 500 anos da descoberta do Rio São Francisco e também em homenagem à expedição, a festança durou o dia todo e seguiu noite adentro. Aconteceu na cidade o primeiro encontro de bandas filarmônicas do Baixo São Francisco, reunindo instrumentistas locais e dos municípios de Piaçabuçu, Traipú, Pão de Açúcar, Arapiraca e Marechal Deodoro. A de Marechal Deodoro é a maior, com 70 músicos. Fora o encontro, a cidade ainda desenvolve o projeto Viva Seresta, tocando cada mês em um bairro diferente.

Na apresentação das bandas, um imenso palco vermelho foi montado nas escadarias da igreja matriz, na praça Barão de Penedo. À noite, houve pausa nas apresentações para celebração da missa, mas elas prosseguiram depois com um frevo que levantou o público de suas cadeiras. "A alegria do povo da cidade tem influências do rio São Francisco", acredita o secretário da Cultura. Penedo foi o primeiro povoado a surgir nas margens do Rio São Francisco, em 1522. Possui o maior acervo histórico-cultural ao longo do rio, desde a sua nascente, na Serra da Canastra, Minas Gerais, até a foz, em Piaçabuçu (AL). Da praça Clementino do Monte até a orla do rio, todo o acervo está tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). As construções datam dos séculos XVII e XVIII.

"O nome Penedo vem dos rochedos. A cidade está em cima de uma rocha", disse o secretário da Cultura. São 56 mil habitantes e a economia gira em torno da produção de álcool do açúcar, arroz e piscicultura. "Estamos empenhados agora com o crescimento do turismo ecológico e cultural", acrescentou João Lopes. A expedição também visitou a Várzea da Marituba do Peixe, área de preservação ambiental considerada berçário no povoamento de peixes do São Francisco. Fica a 14 km de Penedo.

O pescador Manoel Epifânio dos Santos viveu os seus 89 anos no local. Ele conta que o pantanal é repleto

de jacarés papo-amarelo, lontras, capivaras, traíras, pias, surubins e outros tipos de peixes - disse - mostrando cicatrizes no braço e na perna que atribui às piranhas."Aqui tem mais peixes do que o São Francisco e nunca seca."

No lugarejo também é atração a Associação dos Trançados. Um trabalho ágil das mulheres que têm como matéria prima a palha dos ouricurizeiros, espécie de coqueiro, de onde saem as tradicionais "bolsas de bico" e "boca piu", almofadas, esteiras, chapéus e outras criatividades brancas e coloridas, representando uma vida quase anfíbia, quase peixe.

21-11-2001

DIÁRIO DE BORDO COLUNA 20 de novembro de 2001

PESQUISADOR COMPARA ACERVO DE PENEDO COM OS DE OURO PRETO E DIAMANTINA

PENEDO (AL) - Primeiro núcleo urbano do Vale do São Francisco e uma das primeiras cidades construídas no Brasil, Penedo impressionou os viajantes da Expedição Engenheiro Halfeld pela suntuosidade e ótimo estado de conservação da maioria de suas edificações históricas. Para o pesquisador Márcio Santos, o município forma, juntamente com Ouro Preto (MG), Diamantina (MG), a cidade de Goiás Velho (GO), Rio de Contas (BA) e Paraty (RJ), um conjunto referência na história colonial brasileira. "Do alto dos morros de Penedo se tem ainda uma das mais belas visões do Velho Chico, que aqui possui águas cristalinas", entusiasma-se o pesquisador.

Fundada em 1540 pelo donatário da Capitania de Pernambuco, Duarte Coelho, com a construção de um forte que mantinha sobre controle o gentio, a cidade se consolidou como importante ponto de passagem para as entradas - missões oficiais da Coroa Portuguesa que tinham a missão de colonizar o interior do Brasil. Seu porto fluvial era também um relevante entreposto comercial. Hoje com cerca de 54 mil habitantes, Penedo se mantém como pólo cultural da região do baixo São Francisco e tem como base de sua economia a cultura do arroz, o turismo e o comércio.

Do impressionante conjunto histórico-arquitetônico da cidade - certamente o maior de todo o percurso realizado pela Expedição Engenheiro Halfeld -, destacam-se a Igreja Nossa Senhora das Correntes, o conjunto formado pelo Convento e Igreja de Nossa Senhora dos Anjos, a Igreja de São Gonçalo Garcia dos Homens Pardos, bens tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), e o Teatro Sete de Setembro. Datada de 1785, a Igreja de Nossa Senhora das Correntes mostra detalhes singulares em azulejos portugueses, piso inglês, altares em madeira, imagens barrocas e púlpitos em estilo neoclássico.

A igreja possui ainda afrescos no teto de anjos e santos, com a pintura central de sua padroeira. "O acervo de seu interior é tão rico que existe um projeto na cidade de se estabelecer a visitação paga, monitorada por guias, aos moldes dos templos europeus", informa Márcio Santos.

O conjunto formado pelo Convento e Igreja de Nossa Senhora dos Anjos, cuja construção foi iniciada em 1661, é mais um exemplo da riqueza histórico-arquitetônica de Penedo. Mesmo sofrendo modificações ao longo do tempo, a edificação conserva o estilo barroco português nas pinturas do teto, além das imagens em madeira de São Francisco de Assis e Nossa Senhora dos Anjos. Possui cemitério interno, com lápides do

século XIX, jardins de beleza singela e uma biblioteca de obras raras, como uma coleção de Direito Eclesiástico do século XIX.

Já a Igreja de São Gonçalo Garcia dos Homens Pardos, uma construção neoclássica de 1785, guarda uma verdadeira preciosidade - imagens em tamanho natural folheadas a ouro. O conjunto e a Igreja de São Gonçalo também são tombados pelo Iphan.

De 1865 é o Teatro Sete de Setembro, embora tenha sido inaugurado quase 20 anos depois, em 1884. Construção neoclássica, recebe no seu palco, em forma de ferradura, de influência italiana, apresentações de companhias nacionais e internacionais e conserva no alto de sua fachada estátuas de louça alusivas às deusas da música, poesia, pintura e dança.

22-11-2001

PENEDO PRESERVA O PAÇO IMPERIAL, ONDE SE HOSPEDOU DOM PEDRO II EM 1859

PENEDO (AL) - Quando chegou a Penedo, na 374ª légua de sua viagem pelas águas do Velho Chico, o engenheiro alemão Henrique Guilherme Halfeld pôde constatar "in loco" toda a grandiosidade e opulência da cidade. Entusiasmado com o que viu, Halfeld dedicou três páginas de seu relatório a descrever as construções, o povo e a pulsante economia de Penedo. Hoje, quase 150 anos depois, a Expedição Engenheiro Halfeld se deparou, na Fundação Casa de Penedo, com um dos três originais ainda existentes da obra do alemão, que integra o mais rico acervo sobre o Vale do São Francisco encontrado em todo o percurso realizado pelos pesquisadores.

A Casa de Penedo, mantida pela tradicional família Sales, foi fundada em 1992. Guarda documentos, quadros, jornais antigos, 10 mil fotos, 15 mil livros, microfilmes e manuscritos que contam e ajudam a manter vivas a história e a cultura do povo beradeiro. De tão grande, o acervo precisa de uma nova sede e já existe na Fundação um projeto para transferir parte dele ao Chalé dos Loureiro - uma edificação em estilo neoclássico do final do século XIX que, após passar por uma restauração, deve abrigar uma biblioteca, um museu e o Memorial do Vale do São Francisco.

A força histórica de Penedo também está presente no bairro da Roqueira, testemunha dos primórdios do povoamento. Localizado no alto do penedo que deu nome à cidade, mantém a simplicidade de casas coloniais - as primeiras construídas em Penedo. A Vila de Santo Antônio também permanece erguida, preservando as fachadas antigas das casas de pescadores e a Igreja de Santo Antônio.

O conjunto arquitetônico, paisagístico e urbanístico da cidade está tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em um quadrilátero que inclui edificações dos mais diversos estilos - do colonial ao neoclássico, como a sede da Santa Casa de Misericórdia e as residências da avenida Getúlio Vargas. Penedo preserva ainda bens históricoarquitetônicos como o Paço Imperial, onde se hospedou Dom Pedro II durante sua visita à cidade em 1859; o sobrado barroco da Casa da Aposentadoria, datado de 1782, que abrigava no primeiro andar a Cadeia Pública e no segundo piso uma pousada para ouvidores, nobres e autoridades; o Oratório da Forca, de 1769, que era destinado à oração dos condenados na noite anterior ao cumprimento da sentença e a Catedral Matriz de Nossa Senhora do Rosário. "Todos em excelente estado de conservação", atesta o pesquisador Márcio Santos, integrante da Expedição Engenheiro Halfeld.

23-11-2001

DIÁRIO DE BORDO COLUNA 22 de novembro de 2001

MULHERES CONSEGUEM RENDA SUPERIOR AOS HOMENS COM ARTESANATO

PENEDO (AL) - Em seu percurso de Pirapora (MG) a foz do Velho Chico, em Piaçabuçu, a Expedição Engenheiro Halfeld pôde comprovar que a saída para a promoção do desenvolvimento sustentável das comunidades ribeirinhas está na valorização da cultura do povo beradeiro.

Em Candeal, distrito do município mineiro de Cônego Marinho, os potes e utensílios de barro produzidos por famílias inteiras garantem o sustento e a prosperidade do lugarejo. Na Ilha do Ferro, em Pão de Açúcar (AL), e em Entremontes, distrito da cidade alagoana de Piranhas, os bordados - tecidos pelas habilidosas mãos de mulheres de todas as idades - são responsáveis pela geração de renda superior a alcançada pelos homens com a já escassa pesca. As três comunidades recebem apoio do Programa Comunidade Solidária, mantido pelo governo federal.

Até 1998, o alcoolismo, a fome e a baixa estima reinavam supremos no distrito de Candeal, uma comunidade com mais de 200 anos, originária de índios e caboclos, a 42 km da cidade mineira de Januária. À época, apenas quatro mulheres produziam as peças a partir do barro. Hoje, pelo menos oito famílias formam a Associação dos Oleiros do Candeal, que tiram do trabalho o seu sustento. Os homens retiram o barro e as mulheres confeccionam as peças, que chegam a atingir um aumento de 250% de preço ao chegarem nos centros comerciais.

Em Entremontes, a maioria das mulheres detém a arte do bordado. Habilidade passada de geração a geração, a atividade está presente na vida da comunidade assim como o desafio de retirar do rio São Francisco o sustento do dia-a-dia. Com linha, agulha, bastidores e tesourinha, as mulheres vão compondo desenhos nos tecidos, a partir das duas técnicas mais difundidas na região - o Rendendê e o Ponto de Marca (Ponto de Cruz). Atualmente, a Cia de Bordados de Entremontes, reúne 60 mulheres. O trabalho, além de trazer a público duas das mais tradicionais técnicas de bordado do Brasil, é elemento de agregação e valorização de toda a comunidade, ao proporcionar a melhoria de vida para as artesãs e suas famílias.

Na Ilha do Ferro, localizada no rio São Francisco, a 18 km do centro de Pão de Açúcar, o artesanato é uma das atividades principais, especialmente, o bordado Boa Noite, único no país, que homenageia no nome uma singela flor da região. Desvalorizada e quase esquecida, a técnica foi revitalizada e aperfeiçoada, incorporando influências da vida moderna, a partir da criação da Cooperativa Art-Ilha, que congrega as mulheres bordadeiras do local. Assim como em Entremontes, a renda gerada pela comercialização das peças tem significativo peso no orçamento das famílias, chegando na maioria dos casos a superar os recebimentos de filhos e maridos pescadores.